

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E
EDUCAÇÃO - UNAHCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
AMBIENTAIS - PPGCA
MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

CLEUNICE GELESKY MESQUITA

**A PRAÇA COMO ESPAÇO PÚBLICO: UM ESTUDO DE CASO
NA CIDADE DE TUBARÃO - SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestra em Ciências Ambientais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Teresinha Maria Gonçalves

**CRICIÚMA
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M582p Mesquita, Cleunice Gelesky.

A praça como espaço público : um estudo de caso na cidade de Tubarão - SC / Cleunice Gelesky Mesquita ; orientadora : Teresinha Maria Gonçalves. – Criciúma, SC : Ed. do Autor, 2015.

137 p. : il.; 21 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2015.

1. Praças – Tubarão (SC). 2. Espaços públicos. 3. Cidades e vilas. 4. Psicologia ambiental. I. Título.

CDD. 22^a ed. 711.55098164



Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão
Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais

PARECER

Os membros da Banca Examinadora homologada pelo Colegiado de Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (Mestrado) reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado apresentada pela candidata **CLEUNICE GELESKY MESQUITA** sob o título: “**A PRAÇA COMO ESPAÇO PÚBLICO: UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE TUBARÃO – SC**”, para obtenção do grau de **MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Após haver analisado o referido trabalho e arguido a candidata, os membros são de parecer pela “**APROVAÇÃO**” da Dissertação.

Criciúma, SC, 28 de maio de 2015.

Prof.ª Dra. Nícia Luiza Duarte da Silveira
Primeiro Examinador

Prof.ª Dra. Viviane Kraieski de Assunção
Segundo Examinador

Prof.ª Dra. Teresinha Maria Gonçalves
Presidente da Banca e Orientador

Dedico ao meu marido Paulo Cesar e aos meus três filhos, Camila, Matheus e Ana Paula por se constituírem diferentemente enquanto pessoas, igualmente belas e admiráveis em essência, estímulos que me impulsionaram a buscar vida nova a cada dia, meus agradecimentos por terem aceito se privar de minha companhia pelos estudos, concedendo a mim a oportunidade de me realizar ainda mais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Mestre dos mestres, que me deu o dom da vida e me abençoou com saber.

Aos professores amigos, aos somente professores, aqueles outros que, com seus problemas e dores humanas, não foram amigos, nem professores, mas também passaram por mim e que, de certa forma também me ajudaram, meu respeito, meu afeto, minha compreensão e meu agradecimento. Em especial ao Professor Nilzo Ivo Ladwig sempre presente para auxiliar-me nas minhas angústias e dúvidas durante o percurso de estudos e pesquisa. Estendo ao seu estagiário Henrique Matos.

Agradeço também a minha orientadora Teresinha Maria Gonçalves, pela sua disponibilidade e atenção dedicada durante toda minha caminhada nesta etapa da minha vida. És fantástica e maravilhosa, rica em sabedoria e conhecimento. Minha admiração. E estendo a UNESCO, universidade que me permitiu aprofundar meus conhecimentos e realizar o meu objetivo.

Agradeço aos amigos e colegas que participaram direta e indiretamente para a conclusão deste trabalho.

Em especial a minha mãe que permitiu que a minha semente germinasse. Juntas vencemos mais um desafio em nossas vidas.

A meu pai (*in memoriam*) que não está presente na plateia, mas sei que está comigo, sinto sua presença, acompanhando-me e dando força ao longo de minha caminhada.

Aos meus filhos e esposo pelas horas de convívio e de lazer que lhes subtraí diante das exigências de estudo. Em especial a minha filha Camila porque também participou dessa dissertação com o seu trabalho na função de Designer Gráfico.

As pessoas que se disponibilizaram em compartilhar suas memórias e lembranças nas entrevistas. A Sra. Albertina da Casa Paroquial da Igreja São José Operário, sempre disposta em atender-me em todos os momentos que lhe procurei.

Aos funcionários do Arquivo Público e Histórico de Tubarão, a Secretaria de Urbanismo de Tubarão, funcionárias da Biblioteca Pública Municipal de Tubarão, ao Sr. Carlinhos do CAI cópias por ceder as fotos antigas da história da Igreja e da Praça em estudo.

E por último agradeço ao Sr. Bruno Luiz Domingos De Angelis que respondeu meu e-mail e indicou algumas referências bibliográficas e dicas para seguir o meu trabalho.

“É o ambiente total tornado visível.”

Suzanne Langer

RESUMO

Dentro do contexto urbano, as cidades desempenham um papel importante como espaços públicos. Segundo a Psicologia Ambiental os espaços como Praças determinam comportamentos de interação e relações sociais. Encontram-se ligadas às questões sociais, formais e estéticas, aos valores simbólicos e seus significados. O objetivo principal deste trabalho foi a verificação da apropriação do espaço e dos vários usos da Praça Luiz Pedro Medeiros, em frente à Igreja Matriz São José Operário, no Bairro Oficinas, localizada na cidade de Tubarão no sul de Santa Catarina. A abordagem da pesquisa foi a modalidade qualitativa e o método utilizado o estudo de caso. O coletivo da pesquisa foi composto por 17 sujeitos de forma empírica aplicando os seguintes instrumentos de coleta: entrevista semiestruturadas, entrevistas estruturadas e entrevista narrativa. E se desenvolveu em três fases: a exploratória, a teórica e a de campo. Com base nos resultados obtidos foi sugerido planejar um intenso uso noturno e melhorar os elementos urbanos.

Palavras-chave: Cidade. Praça. Meio Urbano. Espaço Público. Psicologia Ambiental.

ABSTRACT

Within the urban context, the cities play a important role like public place. According to environmental psychology the space like square determine behavior interaction an social relations. It is connected social questions, formal and aesthetic , the symbolic values and their meanings. The main objective of this work was to verify the appropriation of space and the various uses of Luiz Pedro Medeiros Square, in front of Matriz São José Operário church , in the Oficinas neighborhood, located in the city of the Tubarão, in the southern Santa Catarina. The approach of the research was the qualitative made an the method used in the case study. The colletive research was composed of 17 people empirically applying the following collection instruments: semi-structured interview, structured interview and narrative interview. And developed in three stages: the explanatory, theoretical and the field. Based on the results obtained suggested planning an intense night uses and improve urban elements.

Keywords: City. Square. Urban Environment. Public Place. Environmental Psychology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Praça Luiz Pedro Medeiros - Bairro Oficinas, Tubarão-SC.	32
Figura 2 - Figura do Busto Luiz Pedro Medeiros.....	33
Figura 3 - Mapa de localização de Tubarão-SC.	34
Figura 4 - Torre da Gratidão ao lado da Catedral Diocesana de Tubarão... ..	35
Figura 5 - Monumento às vítimas da enchente de 74.....	36
Figura 6 - Estação da Estrada de Ferro (Tubarão, SC).....	38
Figura 7 - O Bairro Oficinas.	41
Figura 8 - Homenagem ao Visconde de Barbacena na calçada central em frente à Igreja São José Operário.	43
Figura 9 - Ramal de Laguna (1910-1914).	44
Figura 10 - Igreja e Praça (antes).	47
Figura 11 - Passarela e chafariz (vistoria do prefeito da época).....	49
Figura 12 - Praça Luiz Pedro Medeiros e Igreja São José Operário.....	50
Figura 13 - Reforma da praça e chafariz.	51
Figura 14 - Igreja e Praça antes da revitalização.	52
Figura 15 - Igreja e Praça antes da revitalização.	53
Figura 16 - Chafariz após a revitalização	53
Figura 17 - Praça após a revitalização..... ..	54
Figura 18 - Academia de Ginástica.	61
Figura 19 - Olhos cuidadores da Praça Luiz Pedro Medeiros.	63
Figura 20 - Inauguração da Praça Luiz Pedro Medeiros em 2009.	80
Figura 21 - Inauguração da Praça Luiz Pedro Medeiros em 2009.	81
Figura 22 - Inauguração da Praça Luiz Pedro Medeiros em 2009.	81
Figura 23 - Praça Luiz Pedro Medeiros em 2014..... ..	82
Figura 24 - Praça Luiz Pedro Medeiros em 2014..... ..	82
Figura 25 - Mapa da Praça Luiz Pedro Medeiros..... ..	84
Figura 26 - Porção espacial da Praça Luiz Pedro de Medeiros.	86
Figura 27 - Rua Altamiro Guimarães.	87
Figura 28 - Rua Laguna..... ..	87
Figura 29 – Mesas de jogos..... ..	88
Figura 30 – Ronda da Polícia Militar.	89
Figura 31 – Calçadas largas.	90
Figura 32 – Ponto de ônibus..... ..	91
Figura 33 – Calçadas para pedestres.	91
Figura 34 – Busto de Luiz Pedro Medeiros..... ..	92
Figura 35 – Espaço central.	93
Figura 36 – Metade da parte central.	94

Figura 37 – Chafariz desativado.....	94
Figura 38 – Banheiro da praça.	95
Figura 39 – Parque infantil.....	95
Figura 40 – Quadra de esportes.....	96
Figura 41 – Estacionamento.....	97
Figura 42 – Manutenção da grama.....	97
Figura 43 – Banco depredado.....	98
Figura 44 – Torneira - não conformidade.	98
Figura 45 – Chafariz desativado – não conformidade.....	99
Figura 46 – Busto Luiz Pedro Medeiros – não conformidade.	100
Figura 47 – Limpeza e conservação – não conformidade.....	101
Figura 48 - Fluxograma de Progressão Cíclica - Teoria do Núcleo Central.....	109

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa etária dos entrevistados.	76
Gráfico 2 - Há quanto tempo mora no bairro e conhece a Praça?	77
Gráfico 3 - Grau de escolaridade.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Valores ambientais, funcionais, estéticos e simbólicos da praça.	68
Quadro 2 - Elementos urbanos, Tipologia/Categorização e Inserção da Praça na trama urbana.	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Como o sujeito sente a praça.....	102
Tabela 2 - Sobre as melhorias na praça.....	103
Tabela 3 – Identificação dos usuários da praça durante a semana.	103
Tabela 4 - Identificação dos usuários no final de semana.....	103
Tabela 5 - Identificação dos mobiliários mais usados pelos usuários.	103
Tabela 6 - Identificação dos atrativos da praça.....	104
Tabela 7 - Correlação do conceito de praça para Robba e Macedo (2003) com a praça em estudo.....	104
Tabela 8 - Responsabilidades da Prefeitura de Tubarão em relação à manutenção da Praça.....	104
Tabela 9 - Identificação do fluxo de crianças e adolescentes na praça.....	105
Tabela 10 - Identificar em quais horários os jovens usufruem da praça.....	105
Tabela 11 - Como os usuários chegam à praça.....	105
Tabela 12 - Identificação da parte da praça que o usuário mais gosta.....	106
Tabela 13 - Identificar a qualidade que o usuário sente na praça.....	106
Tabela 14 - Identificar qual é o sonho do usuário em relação à praça.....	106
Tabela 15 – Identificação da identidade do usuário com a praça.....	107
Tabela 16 - Como o usuário se apropria da praça.....	107
Tabela 17 - Quais os sentimentos que despertam no usuário quando este vê a praça.....	107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EFDTC	Estrada de Ferro Dona Thereza Christina
CODESC	Companhia de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina
SMAM	Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Porto Alegre
PROGAP	Programa Adote uma Praça
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CDL	Câmara de Dirigentes Lojistas
AMUREL	Associação de Municípios da Região de Laguna

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	31
1.1 QUALIFICAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	33
1.2 LOCALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	34
1.3 DADOS HISTÓRICOS.....	34
1.3.1 A Estrada de Ferro Dona Thereza Christina, o Bairro Oficinas e a Igreja São José Operário	37
1.3.2 O Bairro Oficinas	40
1.3.3 Igreja Matriz São José Operário	45
1.4 A PRAÇA LUIZ PEDRO MEDEIROS	47
1.5 HISTÓRICO DAS PRAÇAS	55
1.6 OBJETIVOS	56
1.6.1 Objetivo geral	56
1.6.2 Objetivos específicos	56
2 REFERENCIAL TEÓRICO	58
2.1 ESPAÇOS PÚBLICOS: CONCEITO, DEFINIÇÕES E REGRAS DE USO	58
2.2 ESPAÇO PÚBLICO URBANO.....	61
2.3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	69
2.4 PEDAÇOS, USOS, SIGNIFICADOS URBANOS.....	72
3 METODOLOGIA	74
3.1 MODALIDADE DA PESQUISA	74
3.2 MÉTODO DA PESQUISA	74
3.3 FASES DA PESQUISA	74
2.4 COLETIVO DA PESQUISA	75
4 ANÁLISE DOS DADOS	76
4.1 PERFIS DOS USUÁRIOS DA PRAÇA.....	76
4.2 ELEMENTOS URBANOS, TIPOLOGIA/CATEGORIZAÇÃO E INSERÇÃO DA PRAÇA LUIZ PEDRO MEDEIROS NA TRAMA URBANA.....	78
4.2.1 Usos-Descrição	85
4.2.2 Usos-Fotos/Prancha	86
4.2.3 Não conformidade: Fotos e Descrição – Prancha	96
4.2.4 As entrevistas e as observações	101
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	114
APÊNDICE(S)	121

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA DE CAMPO	122
APÊNDICA B – ENTREVISTA GRAVADA	125
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	133
ANEXO	134
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	135

1 INTRODUÇÃO

Este estudo remete a pensar a praça como espaço público que constitui uma das ambiências urbanas a que os moradores das cidades têm direito como cidadãos. A amplitude de sua função social ultrapassa sua estrutura física. Robba e Macedo (2003, p. 17) definem que as “praças são espaços públicos urbanos livres, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos”. No entanto, essa cultura de usufruí-las não é significativa na região Sul de Santa Catarina.

No estado catarinense, há 295 municípios (IBGE, 2014), nos quais existem várias praças, cada uma com suas características socioculturais e históricas. Devido à grande diversidade e a um número extensivo de praças e espaços públicos, foi necessário delimitar este estudo de caso a apenas uma praça, a Praça Luiz Pedro Medeiros, localizada na cidade de Tubarão, SC. Ela foi escolhida por possuir muitos atrativos, ser muito frequentada e popular e também por ser uma referência histórica ligada à Estrada de Ferro Dona Thereza Christina.

Portanto, esta dissertação teve como cenário a cidade de Tubarão, e com ela teve-se a intenção de identificar o processo de apropriação do espaço e os vários usos da praça como espaço público; analisar discursos que representem a memória coletiva¹ ligada a laços culturais e políticos; salientar a presença marcante da população, relacionando as identidades culturais e buscando as várias atividades desse espaço para investigar se a cidade de Tubarão está identificada nesse ambiente, com foco nos seus valores simbólicos que representam os significados urbanos²; bem como buscar o entendimento do abandono desses espaços públicos.

Para isso, fez-se necessário buscar o entendimento da praça como espaço público na visão das pessoas que a ocupam, seja para lazer, religiosidade ou prestação de serviços. Os relatos vivenciados pelos sujeitos locados no objeto de estudo estão relacionados à Praça Luiz Pedro Medeiros³, que fica situada no Bairro Oficinas, em frente à Igreja

¹Por memória coletiva entende-se o pensamento de Jung, citado por *Rupert Sheldrake* (1997), o qual pensava sobre o inconsciente coletivo como uma memória coletiva, a memória coletiva da humanidade.

²Segundo Gonçalves (2004): “A cidade se faz representar e se dá a conhecer pelas suas imagens. As imagens urbanas são signos da cidade e atuam como mediadoras do conhecimento dela”.

³Luiz Pedro Medeiros foi uma pessoa muito conhecida daquela população; possuía uma casa de comércio de materiais de construção que ficava em frente à

Matriz São José Operário. Analisar e incluir a história dessa praça no estudo, utilizando-se de relatos orais a seu respeito, foi de grande valia, pois não há registros históricos que tratam de sua criação, sendo este um desafio que colaborou para situar o pesquisador com o seu objeto. E a problemática que suscita partilha com aqueles cuja história ele narra, as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais,⁴ colaborou para a construção da história desta praça.

Figura 1 - Praça Luiz Pedro Medeiros - Bairro Oficinas, Tubarão-SC.



Fonte: Acervo da autora.

praça. Foi homenageado, segundo seu filho, Valter Medeiros, por ser uma pessoa participativa na comunidade e, principalmente, das atividades ligadas à igreja católica. Foi empreiteiro da estrada de ferro. Dono das pedreiras do atual prefeito, era pioneiro nessa área, tocando a pedreira que pertencia à estrada de ferro. As pedras eram usadas no meio do dormente entre os trilhos da estrada de ferro (MEDEIROS, Valter. Entrevista concedida à autora em 10 de julho de 2014).

⁴FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Figura 2 - Figura do Busto Luiz Pedro Medeiros.



Fonte: Acervo da autora.

1.1 QUALIFICAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Os espaços públicos da cidade, segundo Jacobs (2003) e Francisco *et al.* (2014)⁵, favorecem a condição para o desenvolvimento de comportamentos urbanos positivos no sentido de propiciar a oportunidade para o encontro com o outro e o fomento à vida coletiva. Desses espaços, a praça se apresenta como um dos principais e constitui, segundo Francisco *et al.* (2014), uma das ambiências urbanas. Podem ser encontradas semelhanças e diferenças nos estilos e funções das praças dentro das cidades. Na análise de vários autores elencados nas referências deste estudo, viu-se que as cidades hoje, principalmente no Brasil, prescindem de espaços públicos.

Observa-se na região sul-catarinense um reduzido número de praças nas cidades e que as existentes não são reconhecidas como espaços públicos de usufruto permanente da população. De acordo com

⁵FRANCISCO, T. M. S. et al. A Praça, a Poética e os Processos de Identidade: desvelando aspectos da identidade urbana. **Ra'eGa**, Curitiba, v. 31, p. 91-116, ago. 2014.

os autores Gonçalves, Destro e Rocha (2009), isso se constitui um problema urbano, porque contribui para o agravamento de uma série de problemas, desde a violência urbana até a falta de lazer e o aumento do estresse urbano.

1.2 LOCALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na cidade de Tubarão, Sul de Santa Catarina, tendo como *locus* a Praça Luiz Pedro Medeiros. Tendo início em julho de 2014 e sendo finalizada em outubro do mesmo ano no qual ocorreram as entrevistas.

Figura 3 - Mapa de localização de Tubarão-SC.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tubarão. Disponível em: <http://www.tubarao.sc.gov.br/uploads/681/arquivos/34356_Lei_dos_Bairros_e_Comunidades.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2015.

1.3 DADOS HISTÓRICOS

Tubarão também é conhecida como “Cidade Azul”, como foi descrita pelo escritor, político e jornalista catarinense Virgílio Várzea, que, encantado com a beleza do rio refletindo o céu azul e as montanhas azuladas no entorno, atribuiu este dístico à cidade: “o rio passa,

serpenteando, e no seu rastro de prata, banha a cidade azul [...]” (PREFEITURA MUNICIPAL DE TUBARÃO, 2013).

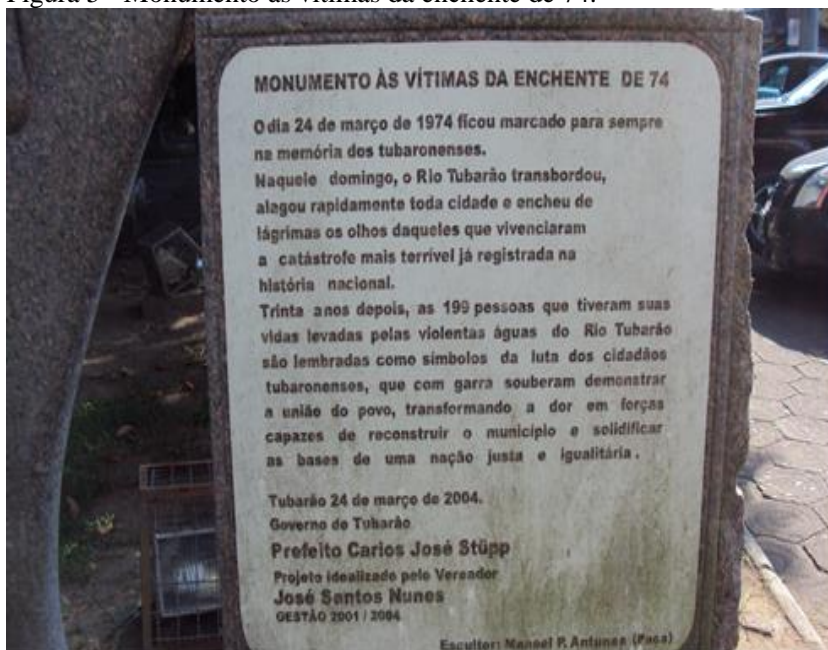
Na condição de município, teve sua criação aprovada pela Lei nº 635, de 27 de maio de 1870, sendo desmembrado de Laguna. Seu nome teve origem no caudaloso Rio Tubarão que por ele passa. Seu topônimo deriva de “Tuba-Nharô”, que em tupi-guarani significa “Pai Feroz”. O mesmo rio que encantou o poeta também causou destruição e morte na grande cheia. A catastrófica inundação de 23 de março de 1974 deixou marcas profundas na história da região. Em menos de um ano, seu povo trabalhador reconstruiu a cidade e, em homenagem aos esforços coletivos e à solidariedade, foi erguida a Torre da Gratidão ao lado da Catedral.

Figura 4 - Torre da Gratidão ao lado da Catedral Diocesana de Tubarão.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tubarão. Disponível em: <antigo.tubarao.sc.gov.br>. Acesso em: 04 jan. 2015.

Figura 5 - Monumento às vítimas da enchente de 74.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tubarão. Disponível em: <antigo.tubarao.sc.gov.br>. Acesso em: 04 jan. 2015.

Segundo dados publicados nos *sites* do IBGE, da Prefeitura Municipal e da AMUREL, a cidade de Tubarão é uma microrregião. Ela fica situada à margem direita do rio de mesmo nome e une-se ao litoral pela BR 101. É sede da Associação de Municípios da Região de Laguna (AMUREL). Seus municípios limítrofes são Capivari de Baixo, Laguna, Jaguaruna, Treze de Maio, Pedras Grandes, São Ludgero e Gravatá, e suas coordenadas geográficas são 28°28'00" de latitude e 49°00'25" de longitude. É a segunda cidade em população do sul do Estado, sendo importante polo comercial da região. Sua principal atividade econômica está ligada ao comércio, à agricultura e à pecuária, com destaque também para empresas do setor de cerâmica. Conta com duas estâncias termais: da Guarda e do Rio do Pouso.

Historicamente, seu desenvolvimento econômico está conectado ao desenvolvimento do carvão e à Estrada de Ferro Dona Thereza Christina, hoje empresa Ferrovia Thereza Christina S/A. Há

registros na Biblioteca Nacional Digital⁶, onde está descrito, impresso no jornal Estado de Santa Catharina (1905, p.1866-1867), que o

Município de Tubarão⁷ é onde se encontram as ricas minas de carvão de pedra, ultimamente experimentado com tão excelente resultado. Além disso, tem o município fonte de águas termais. E como vias de comunicação possui a E. de F. D. Thereza Christina, a importante estrada do Rio do Rastro que liga o litoral à região da serra, muitas outras estradas de menor importância e muitas vias navegáveis para pequenas embarcações.

A população desta cidade, segundo estimativa do IBGE em 2014, será de 102.087. Já o último censo de 2010 apontou 97.235 habitantes. Os primeiros moradores açorianos que chegaram foram se instalando às margens do rio. Com a chegada da Estrada de Ferro, a população foi crescendo e sendo, à época, a cidade mais importante da região devido à sua posição geográfica valorizada com a expansão da estrada de ferro (NASCIMENTO, 2004).

1.3.1 A Estrada de Ferro Dona Thereza Christina, o Bairro Oficinas e a Igreja São José Operário

Conta-se que a Estrada de Ferro Dona Thereza Christina⁸ foi construída em uma época em que se buscava a possibilidade de explorar o carvão da região de Lauro Müller. Por esse motivo, para que o negócio fosse bem-sucedido, era necessário um meio de transporte para escoar o minério.

⁶JORNAL ESTADO DE SANTA CATHARINA. 19. Seção. 1905, p. 1866-1867. In: BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL HTTP. **Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro – 1891 a 1940.** Edição A00063, p. 1670. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=30275&pesq=&url=http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 02 jan. 2015.

⁷Os tubaronenses eram, no começo do século XX, moradores desde a divisa de Laguna até o pé da Serra Geral, hoje Lauro Müller. (BITTENCOURT, Arary Cardozo. **O menino de Oficinas.** Tubarão: Copiart, 2008, p.188. (Citação 79).

⁸A Estrada de Ferro Dona Thereza Christina anteriormente era chamada de Thereza Christina Raylway Co. Ltd. Sua construção teve início em 1880 (MEDEIROS, 2007, p. 82).

Este foi o objetivo que impulsionou a construção da Ferrovia, ligando a região carbonífera ao Porto de Imbituba. Sua inauguração aconteceu no dia 1º de setembro de 1884, com uma grande festa realizada em Tubarão. Mas, devido a um erro de planejamento (um veio de carvão descoberto no período era de baixo poder calorífico), ela fez apenas um carregamento de carvão, ficando trinta e cinco anos sem transportá-lo (NASCIMENTO, 2004).

A Estação Ferroviária, além do poder econômico, servia como um espaço de lazer. É o que Vettoretti (2004, p. 91) descreve em seu livro:

A Estação marcava um encontro diário de amigos, comerciantes e desocupados. [...] Em torno da Estação, giravam negócios e os mais diferenciados interesses, as emoções dos encontros e despedidas. Desenvolviam-se os contatos sociais momentaneamente agitados. As novidades desembarcavam como os passageiros e a curiosidade era parcialmente satisfeita.

A Estação Ferroviária da Piedade só tomou impulso após a transferência das Oficinas de Imbituba para Tubarão, em 1906.

Figura 6 - Estação da Estrada de Ferro (Tubarão, SC).



Fonte: Arquivo Público Histórico de Tubarão.

Quanto ao Bairro Oficinas, conta-se que em meados de 1906, as oficinas da Estrada de Ferro foram transferidas de Imbituba para Tubarão devido à estrutura topográfica desta localidade. Tempos depois nascia o Bairro Oficinas. De acordo com Zumblick (1987, p. 85),

No domingo, seis de maio de 1906, realizou-se, solenemente, a iniciação dos trabalhos preliminares para a mudança das oficinas da Estrada de Ferro para a cidade de Tubarão. Há uma hora foram recebidos pelo povo, no lugar que hoje se acham as oficinas, o Dr. Álvaro Rodovalho e o Cel. João Cabral de Mello. A Banda Minerva tocava marchas sob a regência do maestro Ismael Sousa. Usou da palavra o Dr. Rodovalho, em seguida o advogado capitão Alexandrino Barreto. Secundando-o, o Cel. João Cabral de Mello ergueu entusiásticos vivas ao Dr. Rodovalho, Lauro Müller e ao presidente da República Francisco de Paula Rodrigues Alves. Dando a notícia do que se passou no dia 6 do corrente, que marca o início dos trabalhos para a mudança das oficinas da Estrada de Ferro para aqui, manda a justiça que salientamos os esforços empregados, a verdadeira luta sustentada para esse “desideratum” pelo nosso prestimoso amigo e querido chefe Coronel João Cabral, para que se transformasse em realidade aquilo que era também uma aspiração sua, por ser um benefício para Tubarão.

A construção de uma igreja no referido bairro se deu devido à dificuldade de deslocamento de seus moradores até o centro da cidade para o cumprimento de suas obrigações religiosas. Sendo assim, havia necessidade de se construir uma Igreja para os Operários. De acordo com Freitas (1972, p. 111),

Em 1949 é construído um rústico santuário auxiliado pelo Padre Geraldo Spetmann. A paróquia São José Operário de Oficinas (Tubarão) foi instalada em 1956 pelo Bispo Dom Anselmo Pietrula, tendo como primeiro pároco o reverendíssimo Padre ou Cônego Boleslau. O expediente paroquial funcionava atrás da Igreja, num minúsculo rancho. A paróquia teve grande apoio da Direção da E.F.D.T. Christina. Ao passar

dos anos, a estrada foi competindo com outros meios de transporte e sua importância diminuindo. Mas essa competição não atinge os interesses religiosos e a fé dos moradores e trabalhadores.

Assim, em 1949, foi instalada a Capela; depois, em 1956, a paróquia e, finalmente, em 13 de outubro de 1963, foi inaugurada a nova Igreja Matriz de São José Operário, tendo sido reservada uma grande área física dedicada ao seu ajardinamento, onde hoje está localizado o objeto deste estudo, a Praça Luiz Pedro Medeiros, também conhecida como Praça da Zófa. Ainda de acordo com Freitas (1972, p. 111),

Com a modificação da cidade devido ao crescimento populacional e avanços automobilísticos, surge ao redor da igreja a necessidade de construir uma praça. Surge a Praça Luiz Pedro de Medeiros, hoje mais conhecida com a Praça da Zófa. Ganhou esse apelido para atrair consumidores para o comércio local.

1.3.2 O Bairro Oficinas

A Estrada de Ferro Dona Thereza Christina faz parte da história de Tubarão. Esta ligação está fielmente ligada à construção do Bairro chamado Oficinas, onde está localizado o objeto de estudo deste trabalho, a Praça Luiz Pedro Medeiros, também conhecida como Praça da Zófa.

Figura 7 - O Bairro Oficinas.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tubarão. Disponível em: <http://www.tubarao.sc.gov.br/uploads/681/arquivos/34356_Lei_dos_Bairros_e_Comunidades.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2015.

O Bairro Oficinas tem os seguintes limites: Ao Norte, com o Rio Tubarão; ao Leste, com os trilhos da Estrada de Ferro Dona Thereza Christina; ao Sul, com o prolongamento da Rua Luiz Antônio Tereza, a partir do ponto imaginário de uma linha reta ligando a Rua Severiano Albino Correa à Rua Antônio Borges no encontro da Rua Silvio Búrigo até a Rua Silvio Carginin e daí com a Rua José Nicolau de Carvalho até os trilhos da Estrada de Ferro Dona Thereza Christina.

Esse importante bairro, segundo Freitas (1972, p. 111), “Constituiu uma das maiores parcelas de desenvolvimento”. Possuía destacadas sociedades recreativas e esportivas, vários prédios em estilo moderno, cinema, grupos escolares, colégio, além do majestoso templo – Matriz de São José.

Atualmente, o Bairro Oficinas possui um vasto comércio, bancos e lotéricas, não existindo mais o cinema. De acordo com Nascimento (2004, p. 38),

Tubarão teve a sua posição geográfica valorizada com a expansão da estrada de ferro em direção ao sul, na década de 20. Nessa mesma época, a

administração da ferrovia transferiu-se de Laguna para a cidade de Tubarão, onde foram instaladas suas oficinas. Tubarão era a principal cidade da região, a partir da década de 1930.

Ainda segundo esse autor (2004, p. 38), “as estações da estrada de ferro com mais movimento eram as de Criciúma, Tubarão e Laguna. O trem de passageiros tinha um horário pela manhã para Tubarão, voltando no fim da tarde em direção a Araranguá”.

Zumblick (1987, p. 84) também descreveu que,

A oficina do trem surgiu primeiramente no porto de Imbituba. Apesar de ser o espaço precário, era o único capaz de oferecer um desembarque mais certo ou mais regular. Prestavam todos os tipos de serviço, como reparos mecânicos, a montagem de pequenos vagões para o serviço do lastro, conserto das locomotivas, junção das estruturas metálicas dos pontilhões e pontes vindas da Inglaterra, entre as funções de tornos, carpinteiros e ferreiros. Porém, essa oficina apresentava muitas dificuldades em suporte e assistência, havia ainda muitos obstáculos que barravam o avanço da linha. Perceberam que Tubarão estava mais bem localizado para novas instalações da oficina. Mas os banqueiros ingleses achavam que teriam muitas despesas e não viam essa possibilidade de mudança. Só com a saída do inglês Edward Brown da nossa Estrada, chega o fim do regime britânico e entra o governo federal, em meados de 1902. Assim, o Cel. João Cabral de Melo, muito influente político de todo sul de Santa Catarina, consegue convencer o diretor da Estrada, Dr. Rodovalho, de que Tubarão oferecia melhores condições para receber as oficinas de Imbituba.

Com a transferência das oficinas, permeia um planejamento urbano, com construções de casas para os trabalhadores. Assim, muitos imigrantes chegavam a Tubarão devido à grande demanda de oferta de emprego.

Em 1880, ocorreu a imigração para a região Sul de Santa Catarina de famílias italianas e alemãs devido à construção da EFDTC. Segundo Medeiros (2007, p. 77),

O empresário Visconde de Barbacena requereu o direito de exploração do minério, concedido por Dom Pedro II, que exigia a construção da ferrovia, único meio de transporte eficiente para conduzir grandes toneladas até o porto. Junto a investidores ingleses, o Visconde de Barbacena funda a empresa The Coal Mining Company, com a finalidade de extrair carvão e a empresa Thereza Christina Raylway Co. Ltd., destinada à construção e exploração da Ferrovia.

Figura 8 - Homenagem ao Visconde de Barbacena na calçada central em frente à Igreja São José Operário.



Fonte: Acervo da autora.

Segundo Teixeira (2004, p. 84),

Com a imigração principalmente italiana, foi possível contratar mão de obra. James Perry & Cia. era a construtora inglesa responsável pela obra. A demanda de operários era grande, como atesta a carta escrita pelo primeiro superintendente: sou informado de que 600 homens trabalharam no mês de abril próximo passado, no trabalho de movimento de terras.

Segundo Medeiros (2007, p. 84),

Desde este período inicial já surgem registros que permitem concluir que apesar de trazer crescimento e desenvolvimento, a construção da ferrovia também trazia problemas: eles aconteciam principalmente na formação do espaço urbano e no delineamento da nova paisagem, fortemente influenciada pela passagem da ferrovia e condicionando outras estruturas da cidade.

Quanto à urbanização da cidade, ela ficou dividida entre a classe burguesa ao redor da construção da capela, no Morro da Igreja, e a classe de trabalhadores ao redor da Oficina Central, bem distante da parte central. Os detentores do poder definem a formação da cidade. Conforme aponta Villaça (1971 *apud* MEDEIROS 2007, p. 91), “As classes de mais alta renda escolhem a direção de crescimento, em função dos atrativos [...]”. Estes atrativos seriam a escola, a Igreja, o Clube e o Hospital.

A estação de passageiros de Tubarão ficou em um ponto mais central, entre a burguesia e os operários, e favoreceu o crescimento da cidade juntamente com a Estação de Cargas localizada mais ao sudoeste e a Oficina Central. O ramal de Laguna, que foi construído entre os anos de 1910 a 1914, com extensão de 1.396 metros, segundo Neu (2003 *apud* MEDEIROS 2007, p. 91) permitiu que ocorresse o transporte até o interior da cidade.

Figura 9 - Ramal de Laguna (1910-1914).



Fonte: Arquivo Público Histórico de Tubarão.

Por fim, foram encontradas jazidas mais ao sul, e, por conta disso, foi construído e aberto ao tráfego o trecho Tubarão-Criciúma, partindo da Oficina Central. Este fato foi definitivo para a delimitação do Bairro operário de Oficinas, que festejou a abertura da linha em 1919 (MEDEIROS, 2007).

1.3.3 Igreja Matriz São José Operário

Fundada em 1956, a Igreja Matriz São José Operário foi erguida pelas pessoas do bairro, considerado o mais populoso da Cidade Azul. Naquela época, o aspecto religioso era muito forte entre os operários da oficina do trem; como o bairro era composto por trabalhadores com espírito empreendedor e demais moradores, isso favoreceu a construção da Igreja.

O histórico da Igreja Matriz São José Operário passou por vários marcos. Para poder situar o leitor, a pesquisadora procurou a Coordenação da Igreja. Esta relatou que não havia nada documentado, mas que devido à sua festa de comemoração de 50 anos⁹, havia alguns textos digitados e impressos, dos quais foram colhidos alguns depoimentos dos moradores mais antigos. Também havia alguns recortes de jornais antigos no Arquivo Público e Histórico de Tubarão. Após a leitura destes, a pesquisadora conseguiu formar este pequeno histórico. O único trabalho acadêmico que trata sobre o bairro Oficinas é o de Rosângela Schlata¹⁰, elaborado em 2006, no Curso de Licenciatura em História. No antigo jornal Imprensa, datado em 19 de dezembro de 1948, foi divulgado o lançamento da Pedra Fundamental da futura Igreja. Também dizia que “Muitas pessoas se dirigiram ao bairro Oficinas, havendo missa campal rezada pelo Revdo. Padre Érico”. Foi cantado o hino de louvor pelo operariado, que escolheu como padroeiro

⁹CONVITE DA MISSA DE COMEMORAÇÃO AOS 50 ANOS. Dia 13 de outubro de 2013, às 19 horas, haverá uma missa especial em comemoração aos 50 anos da Paróquia São José Operário (Matriz), Bairro Oficinas, em Tubarão. Disponível em: <<http://ascea.com.br/convite-missa-em-comemoracao-aos-50-anos-da-a-paroquia-sao-jose-operario-matriz-bairro-oficinas-tubaraosc/>>.

Acesso em: 03 jan. 2015.

¹⁰SCHLATA, Rosângela. **A história da Igreja Matriz São José Operário do Bairro de Oficinas – município de Tubarão**: Patrimônio Material e Imaterial da Comunidade de Oficinas. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2006.

São José. Padre Germano Brand, que realizou a benção do padroeiro, discursou o seguinte:

Desde o princípio da humanidade que a pedra representa o fundamento e o alicerce do progresso. (...) Carecemos de boa vontade, de trabalho, de auxílio e de compreensão. Carecemos que todos, grandes e pequenos, ricos e pobres, operários e desocupados, todos têm que contribuir com sua pedra, seu tijolo, na construção desta obra.

O mencionado jornal Imprensa, de nº 711, também relatou que, no dia 20 de novembro de 1949, foi inaugurada a Capela de São José, no Bairro Oficinas.

Com muito esforço do povo – operários da EFDTC e voluntários da comunidade – e do Padre, foi sendo construída a tão sonhada Igreja, dedicada a São José Operário. Em 29 de janeiro de 1956 aconteceu a instalação da Paróquia de São José e seu primeiro pároco foi Padre Boleslau Smielewski. Ampliando a inauguração, em 13 de outubro de 1963 foi inaugurada a nova igreja de Oficinas, atualmente Igreja Matriz São José Operário. A evolução da Igreja contribuiu para a expansão do bairro em desenvolvimento urbanístico e comercial local.

Conforme relato de Arary Cardoso Bittencourt, publicado no jornal Diário do Sul, de 27 de agosto de 2004, no especial Bairro Oficinas, sob o título “Paróquia de São José: da capela à matriz”:

Com o avanço da Rua Altamiro Guimarães ocorreu a inauguração da primeira escola, o Grupo Escolar Mauá, atraindo novos investidores, promovendo a urbanização e o bom centro comercial tendo a Igreja Matriz como referência. Assim é Oficinas, um bairro populoso, bem estruturado, territorialmente bem ocupado. Centro da Ferrovia no sul catarinense, berço das primeiras indústrias tubaronenses. Do bairro partiu a energia elétrica em 1923. O transporte rodoviário surgiu em 1947-48 com linhas intermunicipais e interestaduais da empresa Santo Anjo da Guarda. A partir do Morro do Caeté, o município passou a ter água tratada em suas casas em 1951. Um bairro com autonomia.

1.4 A PRAÇA LUIZ PEDRO MEDEIROS

A Praça Luiz Pedro Medeiros situa-se num local onde, até a metade do século XIX, havia um imenso terreno que ficava próximo a um braço do rio Tubarão. Após a transposição da Estrada de Ferro de Imbituba para Tubarão, ocorreu o nascimento do bairro Oficinas e a construção de uma capela para este bairro. Depois veio a igreja, hoje Paróquia São José Operário, e com ela foi nascendo a praça, singela e simples como era o povo daquela época.

Figura 10 - Igreja e Praça (antes).



Fonte: Acervo da Igreja São José Operário.

Com o desenvolvimento do bairro, da cidade e das pessoas, os padres e os prefeitos, nos seus tempos de mandato, perceberam a necessidade de se construir uma praça. No início, a Praça era simples e se chamava Praça Marcolino Martins Cabral. Em 1992, ela teve seu nome trocado por meio de um projeto de lei que visava a homenagear um dos cidadãos daquele bairro que fosse considerado uma figura de destaque. Assim passou a ser chamada pelo nome atual.

Sendo assim, em meados do ano 2009 foi lançado pelo vereador Aldo Aguiar (Projeto de lei 1.648/92, de 05 de maio de 1992) um projeto de mudança de nome, passando para Luiz Pedro Medeiros. Não há relatos sobre a inauguração da praça nos anos anteriores a 1990, somente do busto e da placa de inauguração em 30 de dezembro de 1992, sendo que os registros antigos aparecem relacionados à Igreja.

No início foi ornamentada com pequenas e tímidas árvores sem grandiosa obra que uma praça necessita.

O tempo passou, deram-lhe calçadas, parquinho, quadra de esportes, chafariz, luminárias, banca de revistas e quiosque de sorvete. Também chegaram os táxis, os taxistas, as bancadas de mármore para compartilhar o jogo de xadrez e de baralho entre aposentados e visitantes.

Este ambiente sempre foi um ponto de encontro entre as famílias, principalmente porque também tinha ligação com a Igreja. Nele, os jovens ficavam à espera das moças, as quais iam à missa acompanhadas de suas mães, só para paquerá-las. E hoje ainda é ponto de encontro tanto para namoros quanto para encontros entre amigos, jovens, crianças, idosos e até famílias, os quais aproveitam para conversar, fazem piqueniques, jogam baralho, futebol, basquete, vôlei, brincam no parquinho ou andam de *skate*.

Sua revitalização foi inaugurada em 14 de outubro de 2009. No local, foram construídos dois banheiros públicos (masculino e feminino), um *playground*, uma quadra de esportes e um chafariz. Foram instalados 80 novos postes de luz e plantadas novas árvores. As calçadas foram recuperadas logo no início das obras, em 30 de julho de 2009, recebendo novos pavimentos, com jateamento do piso de pequenas pedras chamadas *petit pavé*. Profissionais de jardinagem e manutenção pública podaram galhos, retiraram entulhos e plantaram gramas. Por fim, foi construída uma passarela para pedestres sobre o chafariz.

Figura 11 - Passarela e chafariz (vistoria do prefeito da época).



Fonte: Andrade (2009).

Figura 12 - Praça Luiz Pedro Medeiros e Igreja São José Operário.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 13 - Reforma da praça e chafariz.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tubarão.

À época de sua revitalização, após uma vistoria, o prefeito de Tubarão em exercício, Manoel Bertoncini, declarou que a praça estava sendo transformada “num local de harmonia familiar” (PREFEITURA MUNICIPAL DE TUBARÃO, 2009). Depois, no dia da inauguração, declarou que “Oficinas é o maior bairro de Tubarão e a representação de Tubarão. Por isso, este trabalho tão detalhista” (JORNAL NOTISUL, 2009).

O pároco de Oficinas, Pedro Paulo das Neves, presente no dia da inauguração, afirmou que,

A praça ficou linda, trouxe um novo ânimo a todos os moradores do local e a todos que frequentam as missas. Esperamos que o local seja utilizado para o lazer da comunidade. A população precisava de um lugar assim e agora deve conservar todo o trabalho que foi desenvolvido aqui (PREFEITURA MUNICIPAL DE TUBARÃO, 2009).

A revitalização fez com que a Praça Luiz Pedro Medeiros retornasse a seus usuários e atraísse as famílias do bairro Oficinas e de outros bairros da cidade de Tubarão, dando aos usuários o acesso e uso, mas também a responsabilidade de preservação. Segundo o secretário de serviços públicos da Prefeitura de Tubarão à época, Fabiano Bitencourt,

Os moradores do bairro têm o direito e o dever de denunciar qualquer ato de vandalismo. Os banheiros novos, a quadra de esportes, o *playground*, o chafariz, tudo isso deve ter a vigia dos moradores, porque agora é um patrimônio do bairro (PREFEITURA MUNICIPAL DE TUBARÃO, 2009).

Segundo Jacobs (2003 *apud* GONÇALVES 2009, p. 216),

O mais importante é manter um fluxo ininterrupto de pessoas, além da existência de proprietários de rua”, os quais chamam de “figuras públicas automeadas”, como os serviços de banca de revistas, pipoqueiro, vendedor de algodão doce, entre outros, tornando-se um grande leque de pessoas, permitindo e favorecendo a segurança da praça e do entorno do bairro.

Figura 14 - Igreja e Praça antes da revitalização.



Fonte: Acervo da Paróquia São José Operário.

Figura 15 - Igreja e Praça antes da revitalização.



Fonte: Acervo da Paróquia São José Operário.

Figura 16 - Chafariz após a revitalização



Fonte: Acervo da Prefeitura de Tubarão.

Figura 17 - Praça após a revitalização.



Fonte: Acervo da Prefeitura de Tubarão.

Conforme declarou um morador do bairro Oficinas, senhor João, cuja residência fica no entorno da Praça, “A Praça de Oficinas, como é conhecida pela população, surgiu bem depois da construção da Igreja. Foi passando por várias reformas efetuadas pela Prefeitura Municipal de Tubarão em vários mandatos de prefeitos”.

Essa atenção e preocupação em aplicar melhorias em espaços públicos nas cidades é um forte atrativo para manter a presença das pessoas. Pois, as cidades são constituídas de espaços públicos que possibilitam a realização de encontros e trocas de experiências entre as pessoas. Estes espaços são formados por ruas, avenidas, calçadas, parques, jardins e praças, sendo que o acesso aos mesmos pode acontecer em qualquer horário. No entanto, há locais em que os horários são restritos ou exigem agendamento antecipado, como é o caso dos museus, das bibliotecas e das secretarias das prefeituras. Nessa liberdade ou restrição de uso, todos os espaços citados se referem ao meio urbano e às suas questões sociais.

O meio urbano reflete a imagem da cidade e de seus espaços públicos. De acordo com os relatos de alguns entrevistados, “A praça, durante o dia, é muito agradável e confortável. Mas, à noite, o contexto é outro”. Devido à presença de usuários de drogas, emerge a insatisfação

dos usuários da praça e moradores do entorno em relação à segurança do local.

O termo segurança é bastante complexo, podendo ser focado num contexto de medo dos “estranhos”, dos perigos ou numa tentativa de se proteger por meio do aparato policial ou das modernas tecnologias que nos controlam por meio de câmeras. Jacobs (2003 *apud* MILIOLI 2009) defende a tese de que a segurança das praças e das ruas, ou seja, dos espaços públicos, depende mais da apropriação destes espaços pelos seus usuários. Quanto mais movimentada for uma praça ou uma rua, mais segura ela será.

Gonçalves (2009), por meio de suas pesquisas realizadas no âmbito do Laboratório de Meio Ambiente, Desenvolvimento Urbano e Psicologia Ambiental, constatou que em Criciúma e na região sul de Santa Catarina, a maioria das praças, principalmente a dos bairros, são estigmatizadas como espaços para usuários de drogas, ladrões e pessoas não benquistas pelas pessoas “de bem”. Deste modo, é possível chegar à conclusão de que uma praça, para ser segura, deve ser bem iluminada, bem cuidada, arborizada e com atrativos suficientes para chamar cuidadores, ou seja, chamar as pessoas para seu seio. Quanto mais a praça e as ruas forem utilizadas, mais seguras elas serão, mas para isso elas também devem ser atrativas.

1.5 HISTÓRICO DAS PRAÇAS

Os primeiros espaços urbanos dados como praças foram a *Ágora*, para os gregos, e o *Fórum*, para os romanos Robba e Macedo (2003). A *Ágora* grega era o espaço de discussão e debate de ideias entre os cidadãos. O *Fórum* era o espaço de discussão no espaço fechado dos edifícios, nos quais a penetração era mais restrita.

Até meados do século XVIII, o projeto de praças estava normalmente restrito ao tratamento paisagístico dos grandes palácios, nem sempre inserido no contexto urbano. Os espaços livres existentes nas cidades configuravam-se de forma não ordenada, em geral devido à existência de mercados populares ou às entradas de igrejas e catedrais.

As praças que historicamente se formaram nas cidades europeias estão, normalmente, relacionadas à configuração natural de um espaço livre a partir dos planos de edifícios que foram sendo construídos ao redor de construções importantes como igrejas, catedrais e prédios públicos. Há, porém, uma série de exceções

notáveis a esta constatação, especialmente durante o período Barroco da arte e da urbanística europeia. Um momento de destaque, por exemplo, está relacionado ao período em que o Papa VI atuou como prefeito de Roma, no qual houve um especial cuidado com o tratamento dos espaços públicos urbanos (ROBBA; MACEDO, 2003, p. 19-20).

Segundo Robba e Macedo (2003, p. 15) “o histórico das primeiras praças surge como surgiram em outros lugares, ao redor da igreja”. E a praça objeto de estudo entra neste conceito.

A Catedral Diocesana foi a primeira Igreja construída em Tubarão. Foram encontrados registros sobre sua construção em vários autores que escreveram sobre o histórico da cidade. Vettoretti (2004, p. 25) conta que,

Foi no ano de 1812, João Teixeira Nunes, residente em Laguna, comprou a sesmaria da herdeira do Sargento Mor Jacinto Jaques Nicós. Em 1829, doou uma área de 80 braças ao quadro à Irmandade de Nossa Senhora da Piedade, com o objetivo de construir a igreja matriz com o mesmo nome, hoje Catedral Diocesana. O decreto número 32, do governo provincial, criou a Paróquia (Freguesia) Nossa Senhora da Piedade de Tubarão, em 07 de maio de 1836. Piedade foi usada também para nomear a Estação Ferroviária de Tubarão, instalada em meados de 1884, em torno da qual se movia o centro nervoso da economia na circulação de mercadorias e passageiros.

1.6 OBJETIVOS

1.6.1 Objetivo geral

Identificar o processo de apropriação do espaço e os vários usos da Praça Luiz Pedro Medeiros como espaço público.

1.6.2 Objetivos específicos

- Verificar o processo de apropriação do espaço da praça;

- Identificar os vários usos da praça como espaço público;
- Identificar os significados urbanos existentes na praça;
- Verificar se há demandas por praças na Prefeitura Municipal de Tubarão;
- Verificar as atividades das praças.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir, serão abordados os referenciais teóricos, os quais são importantes subsídios para o estudo aprofundado desta pesquisa.

2.1 ESPAÇOS PÚBLICOS: CONCEITO, DEFINIÇÕES E REGRAS DE USO

Quando se faz uma pesquisa sobre a cidade ou parte dela, é necessário falar sobre seu espaço, sobre o lugar que ocupa tal área de estudo. Se for uma praça, esta pode ser considerada um espaço. Um espaço público.

O espaço público não pode ser confundido com o espaço privado. O espaço público, para Arendt (1983 *apud* SANTOS, 2006, p. 89), “é o lugar de exercício da cidadania, é local de trânsito dos pedestres”. Já o espaço privado, este é de interesse individual, porque não é acessível a todos. E sobre espaço há que se comparar o espaço geográfico e o físico-geográfico em relação ao que concerne à sociedade.

Segundo Ladwig e Schwalm (2013, p. 135), “O espaço geográfico é a base em que a sociedade finca suas estruturas. É o meio natural que determina os tipos de relações sociais”. Já o espaço físico-geográfico são pontos de superfície terrestre escolhidos para localizar um dado elemento estrutural do espaço. E é nessa linha de pensamento que a praça pode ser focada.

A praça é um espaço público de interesse público. A amplitude de sua função social remete-se à sua estrutura física, ambiental, sociocultural e ao espaço ao qual ocupa, podendo ser baseada na teoria de Moreira (2002 *apud* LADWIG; SCHWALM, 2013), que chama de alteridade-centralidade, porque há influência no histórico da Praça, da Igreja e do Bairro de Oficinas no sentido de que a localização e a distribuição influenciam na estrutura espacial da sociedade, desdobrando-se na organização do espaço, fazendo surgir uma relação sociedade-espaço e servindo de alicerce para a construção daquele bairro por meio da caracterização, da identidade e diferença, da unidade e diversidade, da hegemonia e heterogenia. O autor aponta que a sociedade organiza-se onde os seres humanos formam a sociedade nas dimensões sociais, culturais e políticas. E, finalizando sua teoria, esclarece que a centralidade é derivada da localização, sendo o símbolo estruturante do conflito manifesto para a organização desta sociedade. No caso do Bairro Oficinas, este tem como coadjuvantes os operários e

a oficina de trem. E desta sociedade formada paralela ao progresso da estrada de ferro resultou também a Praça Luiz Pedro Medeiros, o foco desta pesquisa.

Para vivermos em sociedade, seja em um espaço público qualquer ou até mesmo em uma praça, devemos cumprir algumas regras de convivência a fim de fazermos bom uso deste espaço, seja no quesito uso, apenas, seja no quesito acessibilidade.

Neste sentido, para utilizar os argumentos de Robba e Macedo (2003) e definir o objeto de estudo desta dissertação, “As praças e suas funções na vida urbana brasileira”, há duas premissas básicas, o uso e a acessibilidade. Referidos autores chegaram ao seguinte conceito: “Praças são espaços públicos urbanos livres, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos” (ROBBA; MACEDO, 2003, p. 17).

Por ora, é importante comentar que o convívio, o urbano e o livre têm um grande sentido em relação à urbanidade. Para definir tudo isso, há diferentes abordagens e conceitos que foram pesquisados no livro de Netto *et al.* (2010), pois aborda um conjunto de artigos de pesquisadores em Arquitetura e Urbanismo.

Em “A urbanidade como devir urbano”, o autor discute urbanidade como a condição urbana da vida coletiva e da nossa experiência. Traz um questionamento se na urbanidade há diversidade e chama de *ethos* urbano, no sentido de condição, para a vida coletiva (NETTO *et al.*, 2010). Neste sentido de vida coletiva, uso e acessibilidade, traz uma reflexão sobre as condições de urbanidade no espaço como instrumentos da própria urbanidade.

É também o que aponta Moraes (2010) quando analisa o livro “Pacificação da cidade: a urbanidade legitimada” e esclarece que a urbanidade é possível devido à objetivação da solidariedade social. Ou seja, a apropriação do espaço e dos lugares de uso e a sociabilidade das pessoas dependem de algumas premissas: da experiência da diversidade, do aprendizado da tolerância e do conflito social que o espaço público tem a capacidade de promover.

Importante lembrar que o espaço público aqui é a praça, que também está ligada às ruas e às calçadas. E que o elemento de ligação entre a rua e a praça é a calçada. Segundo Jacobs (2003 *apud* GONÇALVES, 2009, p. 215), “as calçadas cumprem uma função social importante enquanto possibilidade de espaços de convivência, de trocas, de encontro”. Para Gonçalves (2007, p. 191), “a construção de praças e

parques urbanos não levam em conta as bases culturais dos moradores do entorno e da própria cidade”.

Como descrevem Robba e Macedo (2003, p. 18), “a praça é um elemento urbano”. Sendo assim, por ser um dos fragmentos do mosaico espacial que compõe a cidade, ela está intimamente ligada às questões sociais, formais e estéticas de um assentamento. Não é possível falar de praças sem analisar o contexto urbano no qual estão inseridas.

Se a praça não disponibiliza de figuras automeadas (pessoas que de alguma maneira permitem e favorecem a segurança da praça e do entorno do bairro), é necessário que a prefeitura as insira de forma gradativa, planejada. Mas que isso não aconteça em período eleitoral, como fazem muitos gestores que iniciam obras no período final de seu mandato. Ao planejar uma estrutura urbana, como as praças, algumas prefeituras procuram reformar esse ambiente em busca de algum benefício eleitoral para conquistar a opinião pública. É o que apontam Robba e Macedo (2003, p. 46) ao denunciarem que,

A grande visibilidade do espaço livre público urbano e sua importância dentro da cidade transformam praças em objetos de veiculação e propaganda política. Porque a criação e a manutenção destes espaços públicos têm um efeito muito positivo na aprovação dos cidadãos.

Quando a praça é bem planejada, para todos os tipos de idade ou faixa etária e para pessoas com necessidades especiais, ela permite a permanência dessas pessoas em quase todos os momentos, ou seja, não perde a sua verdadeira função social, evitando problemas como abandono e desrespeito pelo espaço público e violências como, por exemplo, ponto de drogas, roubos e prostituição. Por isso, as prefeituras municipais devem verificar a necessidade de manutenção e reforma na conservação desses espaços e gerenciar com planejamento a aplicação dos recursos públicos.

Ao poder público compete pequenas intervenções, como, por exemplo, a recuperação de estruturas já existentes. A praça que esbanja vida é a que está cheia de pessoas (usuários da praça), especialmente aquelas com equipamentos urbanos, como brinquedos e aparelhos públicos de ginástica (Figura 18) – atrativos chamativos que podem trazer as pessoas de volta à praça. Outro ponto determinante seria a melhoria da iluminação, dando maior segurança e melhores condições de apropriação do espaço.

Figura 18 - Academia de Ginástica.



Fonte: Acervo da autora.

2.2 ESPAÇO PÚBLICO URBANO

O espaço público só tem sentido com a presença dos seres humanos urbanos. A praça é isso, lugar de vida, de interação social, onde a comunidade se reúne. As praças já foram locais de manifestações, revoltas, discussão de ideias e de confrontos políticos. Não que tais usos não possam existir, mas a vida da praça está no lazer diário, cotidiano, de pessoas que gostam de um bom papo, de conhecer outras pessoas ou de ler um bom livro ao ar livre¹¹. Como diz Gonçalves (2009, p. 222), “ela é uma extensão da nossa casa, pois os espaços públicos são nossos e são locais onde podemos passar uma tarde agradável com a família e outras pessoas”.

Com a crescente urbanização das cidades, as pessoas se deslocam da zona rural para estes espaços à procura de vários serviços, como

¹¹JORNAL ENTRE CONTORNOS.
<<http://www.jornalentrecontornos.com.br/urbana/>
Acesso em: 04 jan. 2015.

Disponível em:
espaco-publico-a-praca/>.

médicos, hospitais, clínicas e supermercados. Buscam também o entretenimento. Estes oferecem às pessoas uma melhor qualidade de vida. Mesmo não morando em cidades que possuem uma boa e grande praça, as pessoas se apropriam das que visitam enquanto material de uso. Embora retornem a seus locais de moradia, elas voltam a se apropriar destes espaços públicos conforme suas necessidades de divertimento.

Assim disse Yázigi (2000, p. 303),

O tamanho da comunidade, o sistema político e social, o estilo e prioridade de gestão de um governo, as tradições culturais, as condições econômicas do cidadão, tudo isso que altera, balança entre a vida doméstica e a vida pública através do tempo. Vem de encontro com a grande demanda de pessoas que procuram a cidade grande.

Quando as pessoas vêm à cidade, não vêm apenas para vivenciar e usufruir os serviços de saúde e de lazer como, por exemplo, o *Shopping*. Elas vêm também para usufruir da praça. E o que mais atrai as pessoas na praça são as outras pessoas. Assim, elas tendem a se sentar onde há lugar para se sentar, desde que este seja interessante e atrativo.

Jacobs (2003 *apud* GONÇALVES, 2009, p. 222-223) afirma que “as ruas e calçadas, como principais lugares públicos de uma cidade, quando vivas, despertam o interesse da cidade; quando tristes, entristecem toda a cidade”. A praça é um espaço público que deve ter atrativos para manter as pessoas e transmitir segurança. O autor ainda argumenta que “uma rua muito movimentada é uma rua segura”. E para que uma rua seja segura, em primeiro lugar, deve haver uma nítida demarcação entre o que é espaço público e o que é espaço privado.

O espaço público não pode ser confundido com o espaço privado. O espaço público, para Arendt (1983 *apud* SANTOS, 2006, p. 89), “é o lugar de exercício da cidadania, é local de trânsito dos pedestres”. Já o espaço privado é o interesse individual, mas pode se tornar social partindo para o espaço público.

Em relação às praças, que são espaços públicos, estas precisam dos olhos cuidadores de quem vive no espaço privado (ver Figura 19). Por isso, o interesse, a vontade e os bens protegem esses espaços públicos (JACOBS, 2003 *apud* GONÇALVES, 2009).

Figura 19 - Olhos cuidadores da Praça Luiz Pedro Medeiros.



Fonte: Acervo da autora.

Rappoport (1972 *apud* YÁZIGI, 2000, p. 304) comenta que “o computador doméstico tem sido igualmente apontado como desviador de pessoas do espaço público”. A pesquisadora corrobora esse comentário do autor devido ao relato de jovens usuários da praça¹² no decorrer da pesquisa. Assim, quanto à frequência com que vão àquele espaço, a pesquisadora obteve a resposta: “*Nós sempre viemos aqui fazer piquenique*”. Ao questionar se mesmo com a internet e celular eles se sentem atraídos pelo piquenique na praça, obteve a resposta: “*Sim, é legal. Nós saímos da rotina, fazemos o lanche, conversamos, rimos*”.

Em outro momento, outro dia, a autora se deparou com um grupo de jovens e fez o mesmo questionamento quanto à internet e ao celular. Eles responderam: “*Temos que tirar tempo para os amigos, conversar, olhar um para o outro. Esquecer um pouco a internet*”¹³.

Machado (2012) afirma que “essas práticas não se resumem à experiência de novas formas de administração urbana”, particularmente

¹²Relato de Alice, Lucas e Fernanda (usuários da Praça – objeto desta pesquisa –, os quais estavam fazendo um piquenique).

¹³Relato de um grupo de jovens usuários da Praça Luiz Pedro Medeiros, que a utilizam como ponto de encontro.

no que Guerra (2003 *apud* MACHADO, 2012, p. 124) designa como “um jogo estratégico de atores”.

Na nossa contemporaneidade, o espaço público adquire cada vez mais uma expressão ativa de cidadania, quer pela emergência de movimentos de protesto, quer pelo tom de viva festividade e celebração que algumas iniciativas assumem em diversos cenários urbanos. Tejerina (2005 *apud* MACHADO, 2012, p. 124) reforça essa ideia, salientando “a importância que os novos movimentos sociais e os processos plurais de construção de cidadania adquirem através da reapropriação e atribuição de novos significados aos espaços públicos”. Esta cidadania é um exercício de direito, que parte da ética coletiva de qualquer sistema político, sendo adequada a qualquer espaço público, como ciclovias, calçadas, pistas de *skate* e praças.

É por seu espaço democrático, mesmo nos regimes políticos mais fechados, que a praça permanece até os dias atuais como o lugar de convivência mais prestigiado pelo povo. Nela, ainda que momentaneamente, a verdadeira liberdade parece ter sido alcançada (SOARES, 2009, p.11).

Para falar de espaço democrático, há dois conceitos fortes e importantes, a cidadania e a ética, os quais estão interligados à atitude do indivíduo e como ele interage na sociedade. Envolvem ainda a moral e são valores importantes para que a prática da convivência social seja possível no espaço público. A ética e a moral, segundo Vasquez (2002), relacionam-se. A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos humanos em sociedade. Ocupa-se de um objeto próprio: o setor da realidade humana que chamamos moral, constituído – como já dito – por um tipo peculiar de fatos ou atos humanos. Os atos conscientes e voluntários dos indivíduos que afetam outros indivíduos, determinados grupos sociais ou a sociedade em seu conjunto que, por sua vez, demonstra o caráter do indivíduo. A cidadania vem dos direitos e deveres que o indivíduo deve exercer e cumprir enquanto ser participante e inserido na sociedade.

O cidadão tem que valorizar, respeitar e entender o espaço público, sua função social. Entender que é um ser urbano dentro dos limites da ética, da moral e da cidadania. A urbanidade é um fator real, é para muitos uma necessidade. O ser humano é um ser social pertencente ao convívio social.

A partir do fim dos anos 60, a questão do espaço público toma tal vulto que é levada a refletir sobre uma verdadeira obsessão pelo espaço público, a princípio o antídoto mais indicado para a patologia da cidade funcional (ARANTES, 1993).

No Brasil, as praças e as ruas, como espaço público, desde os tempos da Colônia, são os locais que fazem parte da urbanidade e que ligam as pessoas ao desempenho da vida urbana ao ar livre. Atualmente, esse espaço estimula as pessoas ao convívio social, mesmo que entrelinhas as estimulem e sensibilizem para que possam perceber como pode ser o uso desse espaço. Hoje, as pessoas saem para a rua ou para as praças em busca de liberdade, de poder caminhar, correr, contemplar a paisagem, praticar diversos esportes ou, simplesmente, sentar-se na grama e curtir a leitura de um bom livro.

Os cidadãos contemplam uma praça se esta tiver um bom jardim, com variedades de espécies de árvores, flores e gramado. Segundo Robba e Macedo (2003, p. 16), “nas cidades brasileiras, qualquer espaço verde público, seja arborizado ou simplesmente gramado, um canteiro central de avenida ou um espaço livre entre os edifícios, é denominado praça”. Na cidade contemporânea a definição desse espaço é bastante abrangente, incluindo desde pequenas áreas destinadas ao lazer esportivo em bairros habitacionais até os grandes complexos de articulação da circulação urbana em áreas centrais.

Robba e Macedo (2003, p. 23) também apontam que,

Desde a antiguidade, o jardim era um espaço destinado à meditação e à contemplação da natureza, mesmo que esta fosse uma recriação humana do ambiente selvagem. O jardim representava a metáfora do Éden, atraindo para si uma imagem de paraíso e tranquilidade. Os jardins ocidentais, até o final do século XVIII, conservaram o intuito de ser um lugar de paz e tranquilidade, onde se meditava e se apreciava a vegetação, estando, porém, sempre confinados em palácios, mosteiros e conventos. Na Europa, no final do século XVIII e século XIX, apareceram os primeiros espaços ajardinados destinados ao uso coletivo. Surgiram os passeios públicos e as alamedas, que mantiveram as características dos jardins palacianos, como áreas de contemplação, meditação, passeio e fruição dos prazeres ao ar livre.

Essa valorização do ajardinamento é contemplada até hoje, com belos gramados, flores e a rica vegetação arbórea. Continua transmitindo paz de espírito e tranquilidade. Para muitos, a visão é distorcida; para outros, tipos de valores e interesses. Por exemplo, no mercado imobiliário, a praça é um grande atrativo e adiciona-se como item importante nas vendas de apartamentos em grandes e médios condomínios residenciais, como foi percebido nas observações sistemáticas sobre a vida da praça por meio de panfletos recebidos nas ruas e calçadas da cidade.

É importante salientar que para esse tipo de valor, no caso, imobiliário, é necessário que as praças ou parques tenham certos aspectos qualitativos e quantitativos para o seu uso como utilitários, ou seja, classificam-na para valorar os aspectos citados. Na era medieval, também foi possível classificar as Praças conforme o seu uso e destino, mas como função, porque não se tinha a intenção de valor comercial.

Zucker (1959 *apud* ROBBA; MACEDO, 2003, p. 21), ao analisar as funções das praças no núcleo urbano medieval, subdividiu-as em cinco grupos:

- Praças de mercados: onde acontecia toda a atividade comercial da cidade, normalmente estabelecida em lugar de grande movimento.
- Praças no portal da cidade: em geral, praças triangulares, de onde partiam duas ou três ruas para o centro. Em áreas de passagem e distribuição de tráfegos.
- Praças como centro da cidade: praças implantadas no centro do povoado, em comunidades novas.
- Adros de igrejas: espaços em frente às igrejas, onde os fiéis se reuniam para as atividades religiosas.
- Praças agrupadas: pequenos espaços de conexão entre praças de mercados e adros de igrejas.

Ao analisar os cinco grupos acima, é possível compará-los às praças de hoje. No entanto, algumas praças brasileiras se remetem a portais de entrada nas cidades ou espaços largos chamados de calçadões. A praça ao redor das igrejas é muito comum devido à forte influência da cultura europeia e do catolicismo. Salienta-se que esse tipo de praça configura a área de estudo desta dissertação.

De acordo com Robba e Macedo (2003, p. 23-24),

Era o espaço de interação de todos os elementos da sociedade, abarcando os vários estratos sociais. Era nela que a população da cidade manifestava sua territorialidade, os fiéis demonstravam sua fé, os poderosos seu poder, e os pobres sua pobreza. Era um espaço polivalente, palco de muitas manifestações dos costumes e hábitos da população, lugar de articulação entre os diversos estratos da sociedade colonial. No Brasil, o primeiro espaço público surgiu no Rio de Janeiro. Antes, eram restritos a locais fechados, espaços privados a alguém ou a alguma entidade religiosa ou universitária que os utilizava para pesquisas, como é o caso do Jardim Botânico. O intuito de criar o espaço público do Rio de Janeiro foi para que a burguesia pudesse desfilá-la se mostrando uns aos outros. Essa cultura era baseada na Europa, mas para o Brasil foi decadente. As pessoas, senhoras e cavalheiros da época, não usufruíam da praça, por isso ela acabou sendo abandonada. Foi só em 1862 que um paisagista, Auguste François Marie Glazou, montou um projeto que permitiu a reabertura do Passeio Público na cidade do Rio de Janeiro. O paisagista, inclusive, já possuía clientela burguesa para frequentar o espaço. A exportação de café e borracha no século XIX foi o que contribuiu para o uso do Passeio Público e estimulou a formação de jardins em residências e calçadas.

Robba e Macedo (2003, p. 36) descrevem que “a cidade moderna não comporta mais o estilo de praças e jardins do modo tradicional e eclético”. Sendo assim, para o novo século XX, destacam-se alguns arquitetos e paisagistas, entre eles Roberto Burle Marx, o qual percebeu a necessidade de se incluir nesses espaços uma área de lazer, com parquinhos, quadras esportivas e churrasqueiras. Ele era conhecido como o “paisagista moderno brasileiro” devido ao fato de projetar os jardins do Ministério da Educação e Saúde, quando a capital do Brasil era o Rio de Janeiro. Também criou o conjunto de praças do Recife na década de 1930.

As praças, segundo Robba e Macedo (2003, p. 45), “têm qualidades importantes”, as quais eles chamam de valores, que seriam

ambientais, funcionais, estéticos e simbólicos. O quadro a seguir explicita o que seriam esses referidos valores.

Quadro 1 - Valores ambientais, funcionais, estéticos e simbólicos da praça.

Valor	Conceito
Ambientais	Melhoria na ventilação e aeração urbana; ajuda no controle da temperatura; ajuda na drenagem das águas pluviais; protege o solo contra a erosão; protege os mananciais dos cursos d'água.
Funcionais	Oferece lazer.
Estéticos e simbólicos	Objetos referenciais e cênicos na paisagem da cidade. Objetos de embelezamento urbano.

Fonte: Elaborada pela autora (2014).

Ainda sob a ótica destes autores, “a praça necessita de um gerenciamento e manutenção”. Normalmente, é responsabilidade das Prefeituras, já que são espaços públicos. Há também a opção de um programa, o “Adote uma Praça”. É o que consta no *site* da prefeitura de Porto Alegre (<http://www2.portoalegre.rs.gov.br>) transcrito a seguir:

A SMAM desenvolve, desde 1986, um programa de parcerias entre o poder público e a iniciativa privada. O Adote uma Praça (Progap) é um programa simples que permite a qualquer entidade civil assumir a responsabilidade de urbanizar e manter áreas verdes públicas do município. O assunto está regulamentado através da Lei Complementar 618, de 10 de junho de 2009, que revoga a Lei Complementar nº 136, de 22 de julho de 1986. Ao adotante cabe manter as áreas adotadas limpas e em perfeitas condições de uso para a comunidade. Permite-se a colocação de placa de divulgação da parceria. Esse tipo de ação, além de valorizar a marca da empresa, contribui para o embelezamento da cidade e o incremento da qualidade de vida. As parcerias auxiliam na concretização do senso de responsabilidade ambiental, a partir do compromisso com a manutenção do espaço (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE).

Neste mesmo site também foi citado o Parque Farroupilha, o qual contém todas as informações de eventos e atrações, as espécies de árvores, entre outras. Há muitos relatos de visitantes desse parque:

Bom programa para o sábado e domingo, quando tem feiras artesanais e antiguidades. Uma caminhada ou somente sentar e ver o movimento. (Paula-Pelotas).

Local ideal para correr aos domingos, para quem mora no Bom-Fim ou no Floresta. Mesmo quem mora em outros bairros vai para a Redenção de carro, pois tem estacionamento público (aberto, vai ter flanelinha pedindo "troco"). Mesmo para quem não é fã de praticar esporte, tem o Brique, com quinquilharias de todo o tipo: de discos de vinil antigos (...) (Francisco Cruz Alta - Rio Grande do Sul, Brasil).

Com a Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha, em 1935, o parque tornou-se Parque Farroupilha, pois o evento transitório efetivou a ocupação total deste espaço. No dia 19 de setembro de 1935, Campos da Redenção recebeu a denominação de Parque Farroupilha por meio do Decreto Municipal nº 307/35.

Justificam-se os depoimentos do Parque Farroupilha, devido ao conjunto de palavras expressas que podem ser direcionadas a qualquer praça. Como, por exemplo, passeio, árvores, caminhada, sentar ou ver o movimento. E, ainda, porque proporciona uma reflexão sobre a responsabilidade que o poder público teria em relação à manutenção dos espaços públicos, mas que é transferida ao setor privado.

2.3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O ponto de vista é a vista de um ponto. Se cada usuário entrevistado vê na praça o que realmente usa, é importante discursar sobre a representação social. A Teoria das Representações Sociais foi fundamentada primeiramente por Moscovici (2012) e aponta que as representações que os sujeitos possuem revelam os significados atribuídos ao fenômeno, neste caso, o objeto de estudo. Ao adotar-se essa teoria, procura-se compreender como as pessoas veem a praça e investigar como os usuários sentem essa praça.

Ao falar de Representações Sociais, Moscovici (2012) menciona o universo cotidiano, o fazer diário, que envolve uma gama de relações quer por meio da fala e do gesto, quer por meio do encontro. Para esse autor (2012, p. 39),

A maioria das relações sociais que realizamos estão impregnadas dessas representações. As representações sociais assim quase como

entidades que, consubstanciadas por um componente simbólico e pela ação prática permeiam nossas relações sociais. Ainda segundo o autor, as representações sociais são mais fáceis de serem entendidas na prática. Seu conceito, segundo ele, é permeado de conceitos sociológicos e conceitos psicológicos. As razões são históricas e se reduzem a uma única posição mista, no cruzamento de uma série de conceitos sociológicos e uma série de conceitos psicológicos.

Assim sendo, todas as interações estão permeadas pelas representações que, segundo Moscovici (2012), são acontecimentos psicologicamente representados em cada pessoa. Uma coisa é uma coisa em si, outra coisa é representação que fazem dela. Dessa forma, uma coisa é a cidade e outra é a sua representação, ou seja, o significado que é dado a ela. Fazem a representação das pessoas a partir do coletivo, da vida coletiva, e são capazes de influenciar o comportamento da pessoa que participa desse coletivo. “É dessa maneira que elas são criadas internamente, mentalmente, pois é dessa forma que o próprio processo coletivo penetra como fator determinante dentro do pensamento individual” (MOSCOVICI, 2013, p. 40).

As representações são criadas nos processos de comunicação que os grupos estabelecem entre si, o que reitera que representações não são criadas por um indivíduo isoladamente. Mas uma vez criadas, diz o autor, elas adquirem vida própria, circulam se atraem e se repelem e é reforçada pela tradição.

Para Baudrillard (1969) a relação que as pessoas estabelecem com os objetos são mais importantes que os objetos em si. Os objetos são vividos cotidianamente com as pessoas e passam a integrar o seu modo de vida funcional e simbolicamente. A concepção mental do objeto se funde com a cultura, os rituais que envolvem os atos de sua vida.

Dessa forma, a representação que o sujeito tem da cidade, da praça ou da vida cotidiana é mais importante para a compreensão da função desses lugares que os lugares em si.

Em suas pesquisas Moscovici (2013) queria ainda saber como são partilhados os conhecimentos e de que modo um conhecimento científico se transforma em um saber prático, numa teoria do senso comum. Sua tese é a de que as tentativas de explicação do mundo e dos objetos sociais constituem-se como representações sociais. Essas se

revelam nas falas e ações dos indivíduos. Na visão do autor, representar não significa reproduzir ou duplicar, significa muito mais que isso, quer dizer reconstruir (ANICETO; MACHADO, 2010).

Na Teoria das Representações Sociais há três dimensões, mas, a priori, adotamos a Teoria do Núcleo Central (TNC), proposta por Jean-Claude Abric (1998), no ano de 1976, pela questão social e ênfase de sua teoria em Dimensão Cognitiva Estrutural, e que vem ao encontro desta pesquisa.

A hipótese do autor é a de que toda representação social está organizada em torno de um núcleo central. Este núcleo seria estável e permanente uma vez que é constituído pela memória coletiva. O autor sustenta a hipótese de que toda representação social está organizada pelos significados produzidos pelo sujeito na vivência de sua vida coletiva dando, deste modo, consistência e permanência à representação. Em contraponto do núcleo central existe um sistema periférico.

O sistema periférico é responsável pela atualização e contextualização da representação, ou seja, incorpora ao núcleo central as trocas reais de experiências que, segundo o autor, constituem-se como uma entidade e passam a influenciar o comportamento do sujeito no seu cotidiano.

Flament (2001 *apud* MACHADO, 2010) compara a periferia a um para-choque que existe entre a realidade e o núcleo central, porque não muda facilmente. Segundo Patriota (2008), são componentes mais acessíveis da representação social.

O Núcleo Central é composto por elementos estáveis que se subdividem em natureza normativa com os seus valores e normas sociais pertencentes ao meio do grupo social e em natureza funcional do objeto representado.

Conforme Abric (2001, p. 18), “A representação é um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes ao objeto dado” e, como remete Patriota (2008), os dois sistemas, já citados anteriormente: o central e o periférico funcionam exatamente como uma entidade, onde cada parte tem um papel específico e complementar.

Importante comentar que o núcleo central é a Praça, por ser o objeto de estudo, e os elementos do sistema periférico fazem a interface entre a realidade concreta e o sistema central. O elemento periférico seriam as palavras citadas pelos entrevistados. Acrescenta-se a Igreja como elemento de contraste, porque representa o valor simbólico fortemente entre os entrevistados. Pois, segundo Moscovici (1961 *apud* PATRIOTA, 2008), não existe separação entre o universo interno do

indivíduo e o universo externo a este, ou seja, com o passar das gerações e o público diverso em faixa etária, a Praça existe devido à Igreja, elemento forte para os entrevistados. Toda representação está organizada ao redor do núcleo central, constituído por um ou vários elementos que dão significação à representação (ABRIC, 2001).

Assim que as percepções do entorno social dos indivíduos são estudadas, percebe-se que quando o indivíduo nota o seu entorno social, ele se esforçará para dar um sentido à diversidade de estímulos imediatos (HEIDER, 1927 *apud* ABRIC, 2001). Esta operação com o objeto de encontrar um sentido se operará mediante a focalização sobre esse núcleo unitário, a este atribui significação. O processo de percepção social clareia devido aos elementos centrais, que permitem pôr em ordem e entender a realidade vivida pelos indivíduos nos grupos (ABRIC, 2001).

A significação para os entrevistados é a Igreja e, depois, a Praça, por isso a importância das entrevistas aplicadas com o objetivo de buscar o sentido, a significação da Praça. Assim, a percepção social foi estimulada pela pesquisadora para que clareasse o valor simbólico da Praça enquanto espaço público, promovendo a vivência de cada indivíduo abordado e convidado para participar da pesquisa, levando-o a olhar, conforme a fala de Heider (1927 *apud* ABRIC, 2001), ao seu entorno social para descrever a Praça dentro do seu estímulo, da sua memória e do seu psicológico.

De acordo com Abric (2001, p. 19), “O psicológico e o social estão enquadrados no sujeito, no objeto e na sociedade. Não existe representação sem objeto”. A representação social é o reflexo da realidade, é uma organização de significados. Significados que só têm sentido na representação social (ABRIC, 1998 *apud* PATRIOTA, 2008).

2.4 PEDAÇOS, USOS, SIGNIFICADOS URBANOS

Quando nos referimos a sociabilidade e apropriação do espaço público e também espaço urbano nos deparamos com o seu significado dentro da subjetividade de cada pessoa ligada a este espaço. Este espaço pode ser acoplado a ideia de pedaço colocado por Magnani (1998) em sua obra, Festa no pedaço.

Pedaços são espaços onde as pessoas se apropriam e se identificam em relação aos mesmos gostos e os mesmos interesses, começam a compartilhar esses espaços e estabelecem vínculos.

Na Praça Luiz Pedro Medeiros observamos vários elementos urbanos e, portanto, nos faz compreender que cada elemento urbano é um pedaço. Há o pedaço da Academia de Ginástica, há o pedaço do parquinho, da mesa de jogos onde dependendo do horário é o pedaço dos idosos ou o pedaço dos jovens que fazem piquenique ou tocam violão, do canal do chafariz seco onde os jovens costumam se encontrar para conversar. É a realidade de cada indivíduo que se apropria da praça com sua história sob o qual podemos chamar de pedaço. Partem de suas casas e vão para a rua, no caso a praça e estabelecem uma relação social entre todos que usam a este espaço, este território, este espaço.

Em diálogo com a conhecida dicotomia “rua versus casa” de Da Matta (1979 *apud* MAGNANI, 1998, p.84), essa noção revelou um outro domínio de relações:

Enquanto a casa é o domínio dos parentes e a rua, o dos estranhos, o pedaço evidencia outro plano, o dos “chegados” que, entre a casa e a rua, instaura um espaço de sociabilidade de outra ordem. Assim se desvelou um campo de interação em que as pessoas se encontram, criam novos laços, tratam das diferenças, alimentam, em suma, redes de sociabilidade.

A noção de pedaço retirado do livro de Magnani (1998) aponta um estudo etnográfico dos artistas circenses num bairro de periferia de São Paulo. Com o estudo o pesquisador compreendeu como os circenses mantinham laços de vizinhança para assegurar boa permanência em um determinado espaço. Estabeleciam um grau de pertencimento e de fronteiras. Diziam: Era o seu pedaço. Pode-se entender que “pedaço” é uma parte da subjetividade de cada indivíduo respeitando o “pedaço” do outro.

Por isso, para compreender o pedaço de cada um quando se faz em campo segundo Magnani (2003, p. 93) “é necessário escutar o outro, entrar em contato com suas representações, reconhecê-lo como interlocutor”.

E ainda diz Magnani (1998, p. 90) “Era preciso distinguir as formas em que esse espaço público se apresentava e era usufruído pelos usuários”.

Assim, percebemos que o conceito de pedaço de Magnani, quando aponta os valores simbólicos que cada pessoa demonstra seus sinais de pertencimento, nos faz refletir sobre os significados urbanos.

3 METODOLOGIA

3.1 MODALIDADE DA PESQUISA

Esta pesquisa, realizada por meio de uma abordagem qualitativa, define-se como uma pesquisa social empírica embasada em uma argumentação teórica sobre a praça como espaço público. Para Gil (1987, p. 19), pode-se definir uma pesquisa como “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Sendo assim, ela é requerida quando não se tem informação suficiente para responder o problema.

A pesquisa qualitativa, segundo Gonçalves (2006), “assenta-se no campo das ciências sociais e seu critério de verdade vai além do exercício da prova dos métodos estatísticos”. A cientificidade da pesquisa qualitativa é medida pelo detalhamento metodológico, claro e coerente e pela profundidade da análise dos dados.

Esta pesquisa se justifica na medida que investiga um problema pouco pesquisado, ou seja, os espaços públicos urbanos como espaços sociais onde se dá a produção da subjetividade, na perspectiva da Psicologia Ambiental. Os registros dos dados históricos relacionados à Praça Luiz Pedro Medeiros são escassos e correm o risco de se perder na memória das pessoas mais antigas que cresceram e amadureceram concomitantemente com a praça. Justifica Lynch (2011, p. 1) que “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados”.

3.2 MÉTODO DA PESQUISA

O método utilizado para a realização desta pesquisa foi o estudo de caso que, segundo Gil (1987, p. 78), “(...) é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um assunto ou tema de maneira a permitir um conhecimento amplo e detalhado do mesmo”.

3.3 FASES DA PESQUISA

A pesquisa desenvolveu-se em três fases, a saber:

- **Fase exploratória:** nesta fase, o pesquisador fez uma aproximação com o tema proposto por meio de diversas técnicas. Neste

estudo, as técnicas utilizadas foram a observação sistemática, a identificação de flagrantes urbanos e os estudos teóricos sobre o tema.

- **Estudo teórico:** de posse do direcionamento da primeira fase, o pesquisador fez um estudo teórico sobre o tema que, neste caso, é a praça, a cidade, o espaço público e o ambiente urbano.

- **Pesquisa de campo:** nesta fase, foram aplicados os instrumentos de coleta de dados. Os instrumentos utilizados para coleta foram as entrevistas estruturadas, as entrevistas semiestruturadas e entrevistas narrativas. A entrevista narrativa, segundo Bauer e Gaskell (2002), constitui-se em propor à pessoa uma descrição em forma de narrativa da praça, da cidade e sua experiência com estes espaços públicos. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que se refere a pautas assinaladas. A vantagem deste tipo de entrevista é que há certo grau de estruturação com pontos de interesse. Para Triviños (1987, p. 146), “a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa”. Dessa maneira, os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor (1987, p. 152), afirmando que a entrevista semiestruturada “(...) favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade (...) além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações”.

2.4 COLETIVO DA PESQUISA

O coletivo desta pesquisa foi composto por 17 pessoas que, de alguma forma, usufruem da praça, todas usuárias deste ambiente, as quais foram escolhidas aleatoriamente, sendo observadas suas idades (jovens, adultos e idosos). O coletivo foi assim constituído: cinco moradores do entorno da praça; oito usuários da praça; duas pessoas que coordenam atividades da igreja que fica situada aos fundos da praça e dois taxistas que tem ponto na praça.

Para cada tipo de sujeito foi escolhida a técnica mais apropriada. Para os usuários da praça, foi empregada a entrevista narrativa; para os cinco moradores do entorno e os cinco comerciantes, foi empregada a entrevista semiestruturada; e para as duas pessoas que coordenam a igreja e os dois taxistas, foram utilizadas as entrevistas estruturadas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

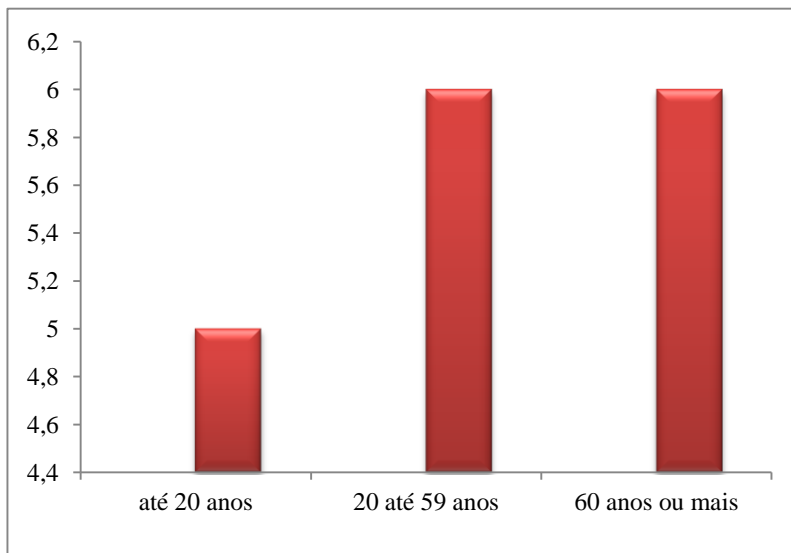
4.1 PERFIS DOS USUÁRIOS DA PRAÇA

A praça é um lugar cheio de vida pelo qual transitam diferentes pessoas. Entre essas pessoas, estão os seus usuários.

Para esta pesquisa foram utilizados questionários, cujos questionamentos iniciaram por meio da coleta de dados pessoais dos entrevistados, tais como idade, função, tempo de moradia no bairro, tempo que frequenta a praça, grau de escolaridade. Também foi feita uma distinção conforme a função do entrevistado em relação a este espaço: coordenadores de igreja, taxista, morador do entorno e usuários da praça.

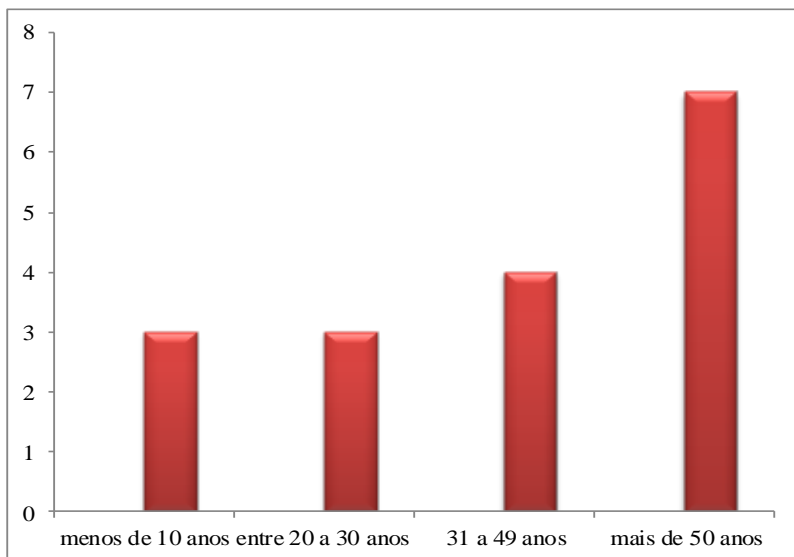
Ressalta-se que apenas o usuário da praça foi entrevistado no próprio local, ou seja, no objeto de pesquisa.

Gráfico 1 - Faixa etária dos entrevistados.



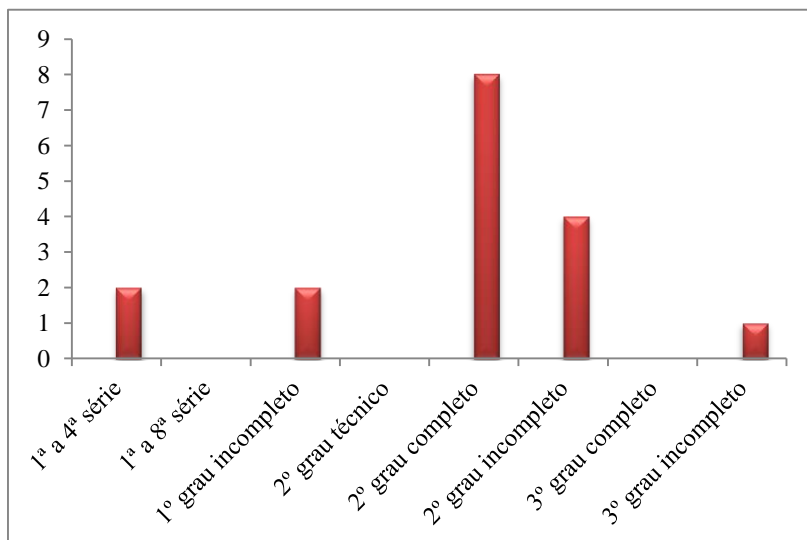
Fonte: Elaborada pela autora.

Gráfico 2 - Há quanto tempo mora no bairro e conhece a Praça?



Fonte: Elaborada pela autora.

Gráfico 3 - Grau de escolaridade.



Fonte: Elaborada pela autora.

4.2 ELEMENTOS URBANOS, TIPOLOGIA/CATEGORIZAÇÃO E INSERÇÃO DA PRAÇA LUIZ PEDRO MEDEIROS NA TRAMA URBANA

Elementos urbanos, tipologia e sua inserção na trama urbana (DE ANGELIS; DE ANGELIS NETO, 2000, p.1447) serviram como auxílio neste estudo. Também para clarear o que e como definem os elementos urbanos em vez de mobiliário urbano, foram consultados os artigos de Leandro Giamas Iafigliola¹⁴ e de Colchete Filho¹⁵.

A Praça Luiz Pedro Medeiros passou por várias modificações até chegar aos dias de hoje. É um espaço conectado a um conjunto composto por vias, passeios e edificações. Segundo De Angelis e De Angelis Neto (2000, p. 1446), “ela já não é um elemento aleatório e isolado na trama urbana: ela compõe, interage, harmoniza o ambiente circundante”.

De simples componente estético para embelezamento, a praça transformou-se e faz parte do bairro mais populoso e importante da cidade.

Os autores De Angelis e De Angelis Neto (2000, p. 1446) também apontam que,

O estudo da tipologia dos espaços públicos pressupõe o conhecimento de sua identidade. O atributo de identidade permite conhecer uma praça como entidade diferenciada, distinguindo-a dos demais logradouros. A estrutura conforma a imagem através da relação espacial entre a praça e seu entorno, integrando ambos em um conjunto único. A significação, por sua vez, é um atributo que comporta valor simbólico para o observador, transformando a praça em um espaço reconhecível e representativo para os habitantes da cidade.

Essa identidade citada pelos autores é o que se buscou ao longo do estudo, uma vez que a Estrada de Ferro está fortemente ligada à Igreja e, posteriormente, à praça e ao Bairro Oficinas. Dessa forma,

¹⁴IAFIGLIOLA, Leandro Giamas. Ensino de desenho industrial na formação do arquiteto. In: SILVA, José Carlos Plácido da; SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **Estudos em Design nas Universidades Estaduais da UNESP e USP**. São Paulo: UNESP, 2006.

¹⁵COLCHETE FILHO, Antônio. **Praça XV: projetos do espaço público**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

conseguiu-se analisar e formar uma ideia sobre o método utilizado por De Angelis e De Angelis Neto (2000) em relação aos elementos urbanos, tipologia, categorização e a inserção da praça na trama urbana.

Quadro 2 - Elementos urbanos, Tipologia/Categorização e Inserção da Praça na trama urbana.

Elementos urbanos	Tipologia categorização	Inserção da praça Luiz Pedro Medeiros na trama urbana
<p>Bancos: servem para sentar, conversar, descansar ou contemplar a praça em si.</p> <p>Luminárias: servem para iluminar, principalmente à noite. Mas são precárias.</p> <p>Pisos: receberam jateamento com pequenas pedras chamadas de <i>petit pavé</i>.</p> <p>Ponto de ônibus: existe um, está conservado.</p> <p>Lixeiras: há as comuns e as coloridas. São poucas.</p> <p>Chafariz: desativado.</p> <p>Banheiros: rejeição por parte da população por falta de manutenção.</p> <p>Busto Luiz Pedro Medeiros: imaginário urbano, pois muitos o desconhecem.</p>	<p>Segundo Zucker (1984), ao analisar as funções da praça, ela é enquadrada como:</p> <p>Adros de igrejas: espaços em frente às igrejas onde os fiéis se reúnem para as atividades religiosas.</p> <p>Caráter religioso, recreação, lazer e descanso devido às estruturas como parquinho, quadra de esportes, academia de ginástica e mesa de jogos.</p> <p>Circulação, por possuir intenso movimento de pedestres e veículos.</p>	<p>Tem acesso à rua Altamiro Guimarães e trânsito intenso. Faz ligação com o centro da cidade, com vários bairros e conduz à BR 101.</p> <p>É considerada uma praça quadrangular ou retangular, porque faz cruzamento com quatro vias, sendo duas paralelas entre si (DE ANGELIS; DE ANGELIS NETO, 2000, p. 1448).</p>

Fonte: Elaborada pela autora (2014).

Considerando algumas críticas optamos em substituir o termo mobiliário urbano por elementos urbanos. Segundo Creus (1996 *apud* COLCHETE FILHO, 2008, p. 24),

O termo elemento urbano é mais apropriado para referir-se ao conjunto formado por postos de iluminação, lixeiras, bancos, entre outros, do que mobiliário urbano, termo que está impregnado da ideia de mobiliário ou decorar a cidade.

Em nenhum outro momento o elemento urbano esteve tão em evidência como hoje no que diz respeito à sua incorporação ao desenho das cidades, à sua organização ou à qualidade e comodidade do espaço, acabando por interessar à própria produção industrial (LAMAS, 1993 *apud* DE ANGELIS; DE ANGELIS NETO, 2000).

O elemento urbano deve contribuir para a valorização do espaço público, tanto esteticamente como para oferecer maior conforto para os seus usuários, porém, é visível que isso está precário na Praça Luiz Pedro Medeiros ao se comparar as fotos de inauguração em 2009 com as atuais. O elemento urbano deve contribuir para a melhoria da qualidade de vida urbana.

Figura 20 - Inauguração da Praça Luiz Pedro Medeiros em 2009.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tubarão.

Figura 21 - Inauguração da Praça Luiz Pedro Medeiros em 2009.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tubarão.

Figura 22 - Inauguração da Praça Luiz Pedro Medeiros em 2009.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tubarão.

Figura 23 - Praça Luiz Pedro Medeiros em 2014.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 24 - Praça Luiz Pedro Medeiros em 2014.



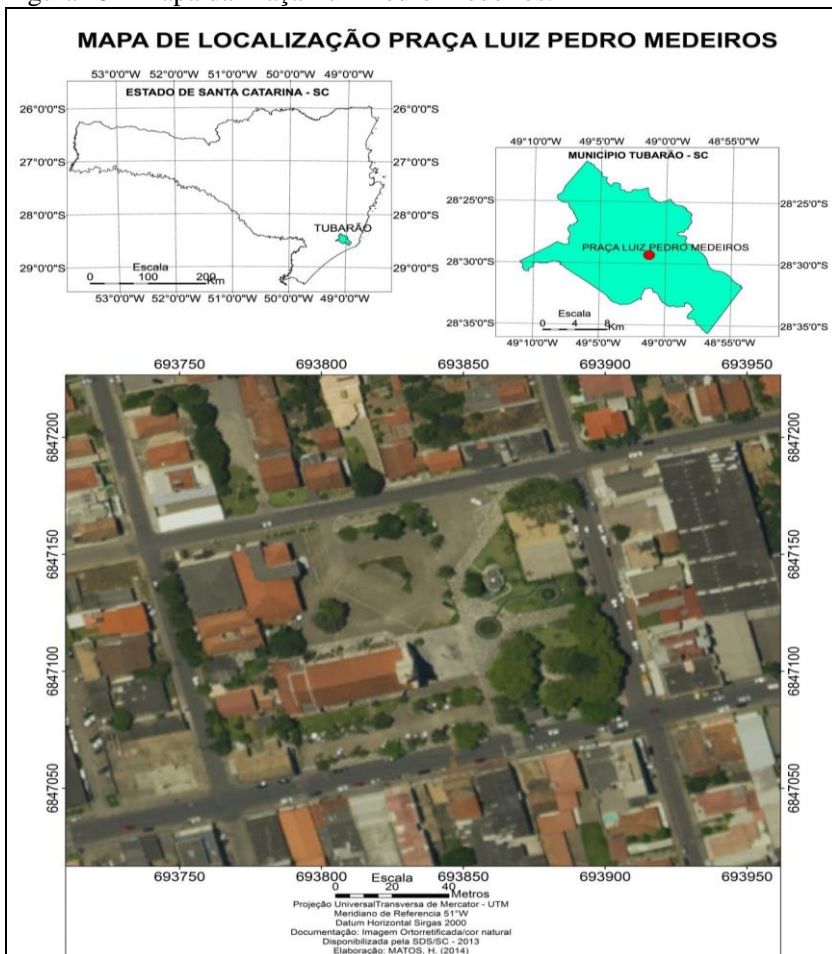
Fonte: Acervo da autora.

E para a compreensão dos significados urbanos do Bairro Oficinas foi preciso mais uma técnica de observação etnográfica baseada nas fotos conectadas com as entrevistas, uma vez que um dos

objetivos desta pesquisa foi identificar os vários usos da praça como espaço público. Para garantir o entendimento do leitor, informa-se que a pesquisadora baseou-se no livro de Alex (2008), no qual o autor aponta que o convívio social no espaço público está intimamente ligado às oportunidades de acesso e uso.

Ao se deparar com a prancha *Projeto e Indicação de Cortes* descrita por referido autor na página 130, concluiu-se que o autor assinala os pontos de contato da praça com a calçada e a rua, remetendo-os à praça objeto deste estudo. Incluindo ainda as fotografias de uso e não conformidades, bem como o projeto e uso e suas conformidades. Serão adotadas algumas ideias em formato de *Prancha de Sun Alex*, justificando a facilidade de compreensão e conhecimento da praça em estudo. Também foi acrescentada a porção espacial (Figura 26) da praça para o leitor se situar enquanto visão espacial.

Figura 25 - Mapa da Praça Luiz Pedro Medeiros.



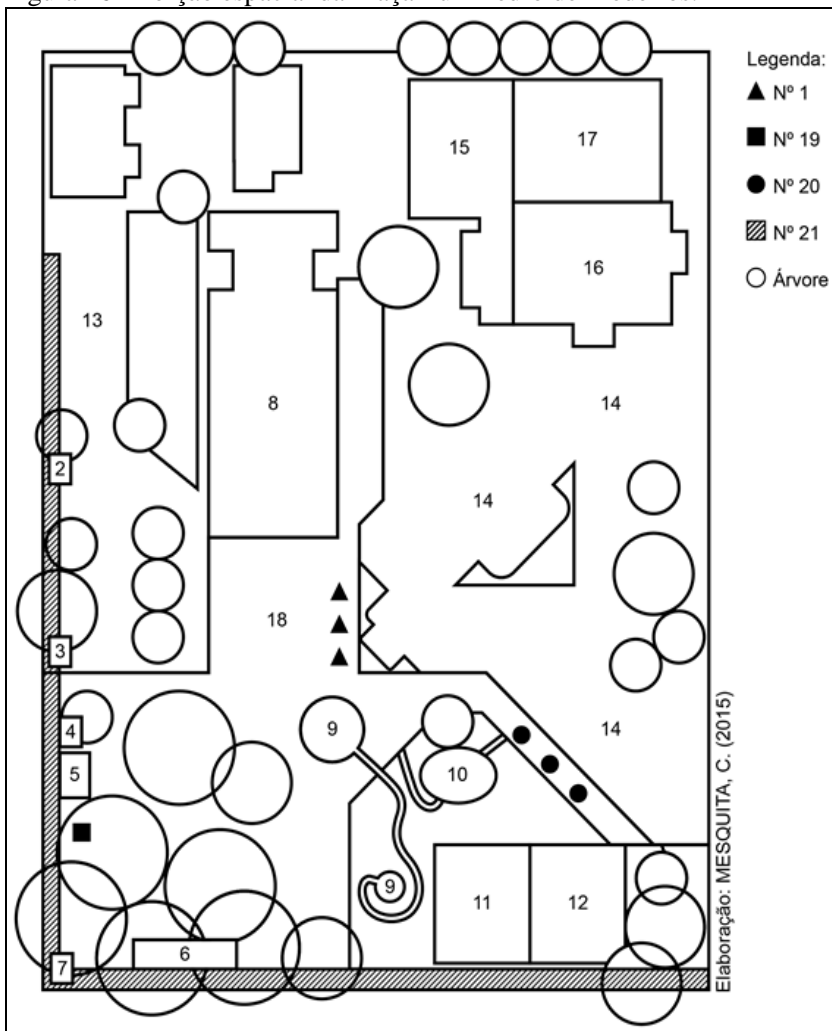
Fonte: Matos (2014).

Quanto à localização, a praça situa-se num ponto central do Bairro Oficinas; possui a forma quadrada, ocupando um quarteirão inteiro e fazendo divisa com quatro ruas que estão em seu entorno. No ponto 693750, ao norte do mapa, fica a Rua Pedro Gomes de Carvalho. No ponto 6847200, ao leste do mapa, fica a Rua Laguna. No ponto 6847200, ao oeste do mapa, fica a Rua Galdino José de Bessa; e no ponto 693750, ao sul do mapa, fica a Rua Altamiro Guimarães.

4.2.1 Usos-Descrição

1. Bancos na passagem interna em frente à Igreja e próximo ao estacionamento;
2. Ponto de ônibus;
3. Quiosque de sorvetes;
4. Banca de revistas;
5. Academia de ginástica;
6. Mesa de jogos: dama, xadrez e baralho;
7. Ponto de táxi;
8. Igreja São José Operário;
9. Chafariz. Está desativado, é aproveitado por jovens para roda de conversação e de crianças para brincar (Está seco);
10. Banheiros;
11. Quadra de esportes;
12. Parquinho;
13. Estacionamento lateral à Rua Altamiro Guimarães;
14. Estacionamento interno e lateral à Rua Pedro Gomes de Carvalho;
15. Casa Paroquial;
16. Salão de festas;
17. Rádio;
18. Espaço aberto em frente à Igreja;
19. Banco próximo à academia de ginástica;
20. Bancos próximo ao parquinho e aos banheiros. Usados por mães, pais e idosos. Cuidam dos filhos e netos. Grupos de conversação;
21. Calçadas usadas para passagem de pessoas de todas as idades: crianças que correm e brincam, trabalhadores que atravessam para ir ao comércio e à lotérica, e idosos que vão à Igreja.

Figura 26 - Porção espacial da Praça Luiz Pedro de Medeiros.



Fonte: Elaborada por Camila Mesquita - Designer Gráfico.

4.2.2 Usos-Fotos/Prancha

1. Rua Altamiro Guimarães: da rua mais movimentada em relação aos veículos é observável a academia de ginástica, a banca de revistas, o quiosque de sorvetes, o ponto de ônibus e o estacionamento.

Figura 27 - Rua Altamiro Guimarães.



Fonte: Acervo da autora.

2. Rua Laguna: ponto de táxi e as mesas de jogos (coberta).

Figura 28 - Rua Laguna.



Fonte: Acervo da autora.

3. Mesas de jogos cobertas: bem frequentadas por idosos para jogos de baralho, dama e xadrez, por jovens que fazem piquenique e por músicos e os seus violões.

Figura 29 – Mesas de jogos.



Fonte: Acervo da autora.

4. Ronda da polícia militar. Os entrevistados solicitam um Posto Policial fixo. Observam-se luminárias, as quais algumas não funcionam, expondo os usuários ao perigo devido à presença de delinquentes, o que faz com que tais usuários não permanecem no local. Arborização e, ao fundo, atrás da árvore, a posição da Igreja e algumas casas domiciliares.

Figura 30 – Ronda da Polícia Militar.



Fonte: Acervo da autora.

5. Calçadas largas: estão conectadas com a rua mais movimentada e com o amplo estacionamento interno e externo. O comércio situa-se à direita da foto.

Figura 31 – Calçadas largas.



Fonte: Acervo da autora.

6. Ponto de ônibus pouco usado, porque são poucas as linhas que por ali passam.

Figura 32 – Ponto de ônibus.



Fonte: Acervo da autora.

7. Calçadas usadas por pedestres, ciclistas, carrinhos de criança. À direita a passagem central convidando para entrar na praça em direção à Igreja.

Figura 33 – Calçadas para pedestres.



Fonte: Acervo da autora.

8. Busto de Luiz Pedro Medeiros e, ao fundo, as mesas de jogos cobertas.

Figura 34 – Busto de Luiz Pedro Medeiros.



Fonte: Acervo da autora.

9. Espaço central em frente à Igreja. Ao fundo observam-se as lixeiras coloridas e seletivas, o carro da polícia militar, em azul a banca de revistas e ao lado a academia de ginástica. Por fim, uma parte do comércio local na Rua Altamiro Guimarães.

Figura 35 – Espaço central.



Fonte: Acervo da autora.

10. Metade da parte central, bancos à luz do sol, sem árvores para sombra. Atrás o estacionamento; à esquerda, a Casa Paroquial e o salão de festas conectados com a Rua Pedro Gomes de Carvalho.

Figura 36 – Metade da parte central.



Fonte: Acervo da autora.

11. Na área central o chafariz. Está desativado por causa das crianças que o utilizavam inadequadamente para banho.

Figura 37 – Chafariz desativado.



Fonte: Acervo da autora.

12. Banheiro próximo à quadra de esportes. Precisa de manutenção diária.

Figura 38 – Banheiro da praça.



Fonte: Acervo da autora.

13. Parquinho infantil. É bem frequentado nos finais de semana por filhos acompanhados de seus pais. Não há bancos no local.

Figura 39 – Parque infantil.



Fonte: Acervo da autora.

14. Ao fundo está a quadra de esportes e onde os meninos estão sentados fica o banheiro.

Figura 40 – Quadra de esportes.



Fonte: Acervo da autora.

4.2.3 Não conformidade: Fotos e Descrição – Prancha

1. Não conformidade por projeto e manutenção: estacionamento amplo, que invade a praça e impede a circulação das pessoas para uso variado. No período noturno fica um lugar vazio, sendo o local preferido de usuários de drogas, conforme relatos dos entrevistados. Acúmulo de pedras na passagem, oferecendo perigo aos usuários pedestres.

Figura 41 – Estacionamento.



Fonte: Acervo da autora.

2. Não conformidade por projeto e manutenção: falta de manutenção da grama.

Figura 42 – Manutenção da grama.



Fonte: Acervo da autora.

3. Não conformidade por projeto e manutenção: Banco depredado e pichado. Entrevistados sugeriram formar parcerias com o comércio para a manutenção e conservação dos bancos da praça.

Figura 43 – Banco depredado.



Fonte: Acervo da autora.

4. Não conformidade por projeto e manutenção: instalação de um bebedouro no lugar da torneira e que fique distante do banheiro.

Figura 44 – Torneira - não conformidade.



Fonte: Acervo da autora.

5. Não conformidade por projeto e manutenção: chafariz desativado pelo mau uso.

Figura 45 – Chafariz desativado – não conformidade.



Fonte: Acervo da autora.

6. Não conformidade por projeto e manutenção: busto Luiz Pedro Medeiros. Desde a inauguração precisa ser restaurado.

Figura 46 – Busto Luiz Pedro Medeiros – não conformidade.



Fonte: Acervo da autora.

7. Não conformidade por projeto e manutenção: A praça precisa de limpeza e conservação diariamente. Uma das lixeiras (azul) desprende-se da tampa e está deslocada em relação à posição das outras lixeiras. Ela pode oferecer riscos de acidentes para as crianças e para os idosos que por ali passam distraídos.

Figura 47 – Limpeza e conservação – não conformidade.



Fonte: Acervo da autora.

4.2.4 As entrevistas e as observações

Os dados foram analisados por meio de duas técnicas: análise do discurso, segundo Bardin (1991), e análise por conceito-chave, retirada do marco teórico.

O coletivo da pesquisa foi composto por 17 pessoas, divididas em quatro grupos. Foi aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas, as quais foram analisadas por meio de conceitos-chave constantes no encaminhamento conceitual. Este questionário foi aplicado para o grupo um, ou seja, taxistas e coordenadoras de igreja.

A análise segue na sequência das perguntas, iniciando na Tabela 1 e finalizando na Tabela 11.

• Grupo 1: taxistas e coordenadoras de igreja

Os elementos urbanos reconhecidos por estes frequentadores são os bancos, a academia de ginástica, o parquinho, a quadra esportiva e os banheiros. Um total de 100% percebe a academia de ginástica. Isto

demonstra que este equipamento, reconhecido como melhoria, vem contribuir com a percepção de que a praça é um lugar agradável.

Como atrativos, o grupo de entrevistados percebe a quadra, a igreja e o parquinho. Porém 25% não percebem nenhum atrativo. Isto faz pensar que as praças devem ser revitalizadas após uma consulta com a população de frequentadores e a população do entorno, para que os reais sejam ali colocados. Sabe-se que a psicologia ambiental sustenta a tese de que a pessoa só se apropria daquilo com o qual se identifica. Se essas pessoas não percebem os atrativos, demonstra que têm pouca identificação com a praça, dificultado, assim, o processo de identificação.

O total de 100% concorda que as praças são espaços urbanos livres, públicos e destinados ao lazer e ao convívio da população; acessíveis aos cidadãos e livres de veículos. Os dados empíricos fornecidos pelos entrevistados apontam que almejam a praça sem veículos. Justificam que o estacionamento a noite atrai delinquente e por isso, desejam que o estacionamento seja eliminado.

Questionados sobre a responsabilidade da prefeitura na manutenção da praça e quais aspectos devem ser melhorados, 100% dos entrevistados responderam que falta segurança; 75% que não há brinquedos suficientes e adequados às crianças; 50% afirmaram que faltam bancos. Isto remete a Jacobs (2003) quando diz que um espaço público deve ter atrativos para manter as pessoas e transmitir segurança.

Questionados sobre como os usuários chegam à praça, 25% responderam que chegam de carro, 15% de bicicleta, 10% de *skate*, o que demonstra que a grande maioria de frequentadores chegam à praça a pé.

Tabela 1 - Como o sujeito sente a praça.

Para você, a praça é um ambiente?	Coordenadoras de Igreja/ Taxistas
Agradável	75%
Muito agradável	25%
Pouco agradável	

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 2 - Sobre as melhorias na praça.

Você acha que a praça ao longo de cinco anos?	Coordenadoras de Igreja/ Taxistas
Melhorou muito	
Melhorou pouco	50%
Não melhorou nada	50%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 3 – Identificação dos usuários da praça durante a semana.

Quais são os usuários mais presentes na praça durante a semana?	Coordenadoras de Igreja/ Taxistas
Famílias	50%
Trabalhadores	
Adolescentes	50%
Crianças	100%
Idosos	50%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 4 - Identificação dos usuários no final de semana.

Quais são os usuários mais presentes na praça no final de semana?	Coordenadoras de Igreja/ Taxistas
Famílias	100%
Trabalhadores	
Adolescentes	50%
Crianças	100%
Idosos	

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 5 - Identificação dos mobiliários mais usados pelos usuários.

O que você percebe que as pessoas utilizam da praça?	Coordenadoras de Igreja/ Taxistas
Bancos	75%
Academia de Ginástica	100%
Parquinho e quadra esportiva	75%
Banheiros fechados	

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 6 - Identificação dos atrativos da praça.

A praça possui alguns atrativos, você consegue descrevê-los?	Coordenadoras de Igreja/ Taxistas
Sim	75%
Não	25%
Quadra, bancos, Igreja, parquinho, jogo de dominó	

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 7 - Correlação do conceito de praça para Robba e Macedo (2003) com a praça em estudo.

Você concorda com esta frase* para a praça de estudo em todos os aspectos:	Coordenadoras de Igreja/ Taxistas
Sim	100%
Não	

*Praças são espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos.

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 8 - Responsabilidades da Prefeitura de Tubarão em relação à manutenção da Praça.

Ao poder público competem pequenas intervenções e recuperações de estruturas já existentes. O que precisa de melhorias?	Coordenadoras de Igreja/ Taxistas
Iluminação	50%
Inclusão de brinquedos	75%
Faltam assentos (bancos)	50%
Jardins e arborização	
Segurança	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 9 - Identificação do fluxo de crianças e adolescentes na praça.

Você observa os jovens, crianças e adolescentes usufruindo da praça?	Coordenadoras de Igreja/ Taxistas
sim, um grande número de adolescentes e crianças	25%
sim, um grande número de adolescentes	
sim, mas muito poucos adolescentes	75%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 10 - Identificar em quais horários os jovens usufruem da praça.

Os jovens aparecem em quais horários?	Coordenadoras de Igreja/ Taxistas
08h00 às 10h00	
10h00 às 12h00	
13h00 às 15h00	75%
15h00 às 17h00	
17h00 às 19h00	
Outro horário: noturno	25%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 11 - Como os usuários chegam à praça.

Qual é o meio de transporte mais utilizado pelos usuários para chegarem à praça?	Coordenadoras de Igreja/ Taxistas
Carro	25%
A pé	50%
Bicicleta	15%
Skate	10%
Ônibus	

Fonte: Elaborada pela autora.

A análise que segue se refere às entrevistas semiestruturadas direcionadas aos moradores do entorno. Inicia na Tabela 12 e termina na Tabela 17. As entrevistas são baseadas na literatura de Triviños (1987, p. 152), o qual afirma que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações. O objetivo da pergunta na Tabela 12 foi buscar como o usuário se identifica na praça, sendo que a Igreja foi a mais citada. Percebeu-se que a Igreja é a identidade da praça e do bairro, segundo

Moreira (2002 *apud* GONÇALVES, 2013), quando fala de alteridade e centralidade, porque há influência no histórico da praça, da igreja e do bairro.

Tabela 12 - Identificação da parte da praça que o usuário mais gosta.

Qual é a parte da praça que você mais gosta?	Morador do entorno
Igreja	57%
Ponte e chafariz	14%
Quadra	29%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 13 - Identificar a qualidade que o usuário sente na praça.

O que você acha da praça?	Morador do entorno
Boa	57%
Agradável	15%
Um pouco desleixada	14%
Tranquila, movimentada, boa para passear e tomar sorvete	14%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 14 - Identificar qual é o sonho do usuário em relação à praça.

O que você imagina, sonha quanto à praça?	Morador do entorno
<i>Skate</i>	14,28%
Retirada do banheiro público	14,28%
Coreto para jovens e posto policial	14,28%
Funcionar o chafariz, flores e mais bancos	14,28%
Um futuro melhor	14,29%
Um quiosque (<i>smartshop</i>)	14,29%
Não soube responder	14,29%

Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação ao questionamento quanto à qualidade da Praça, 57% dos entrevistados apontaram como boa. Estendendo a pergunta da Tabela 14, “O que sonham quanto à praça”, as respostas foram diferentes em todos os aspectos, considerando-se natural, devido à diversidade de faixa etária de cada sujeito. Segundo Carlos (2005, p. 100), “há temporalidades em espaços que se modificam dentro da diversidade de tempos sociais”. Ainda aponta que existe o tempo longo e contínuo de sucessão linear dos acontecimentos históricos.

Tabela 15 – Identificação da identidade do usuário com a praça.

Você se identifica com a praça?	Morador do entorno
Adolescência	28,58%
Igreja	14,29%
Infância	14,28%
Reunião da Galera	14,28%
Sim	14,28%
Não	14,28%

Fonte: Elaborada pela autora.

Sobre as Tabelas 15 e 16 buscou-se a identidade do usuário com a praça, sendo que a adolescência apareceu como a mais citada e na Tabela 16, a segunda mais citada, perdendo para a infância. Uns lembram-se dos tempos que se passaram e outros ainda estão curtindo essa transição de vida antes do compromisso da vida adulta. Segundo Carlos (2005, p. 100), “o tempo das crianças é lento, o dos adultos é rápido e acelerado e dos idosos parece lento e vazio”.

Tabela 16 - Como o usuário se apropria da praça.

A praça tem alguma parte de você?	Morador do entorno
Adolescência	14,28%
Infância	28,58%
Natureza, academia	14,28%
Não	42,86%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 17 - Quais os sentimentos que despertam no usuário quando este vê a praça.

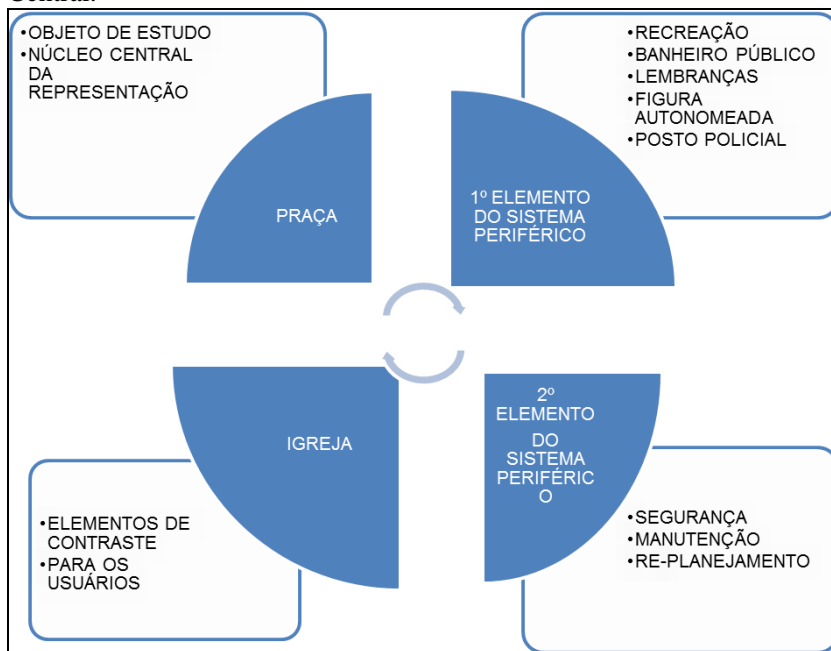
Diga-me sem pensar cinco palavras em relação à praça.	Usuários da praça
Diversão	30%
Medo	20%
Zelo	20%
Necessidade	5%
Harmonia	5%
Lembranças da infância	5%
Lembranças da adolescência	5%
Alegria	5%
Amizade	5%

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao analisar a Tabela 17, percebe-se que há controvérsias em dois pontos: 30% dos entrevistados citaram a palavra diversão e 20% o medo. Percebeu-se que, ao longo de todas as entrevistas, os usuários analisam a praça como boa e veem nela a diversão. O termo “medo” refere-se à segurança no período das 18 horas em diante no inverno e das 20 horas no verão. Os sujeitos já fizeram muitos requerimentos à prefeitura atual para que mantenha um Guarda Municipal todos os dias, principalmente no período noturno, devido ao grande fluxo de usuários de droga. Sob o olhar dos entrevistados, a questão do zelo se refere muito ao banheiro, porque este é mal cuidado e também atrai usuários de droga. Talvez por conta disso a não permanência de muitas pessoas de boa intenção, pela falta de um banheiro. Diante desse pressuposto, baseia-se a argumentação de que a praça é um espaço público que deve ter atrativos para manter as pessoas e transmitir segurança. Reafirma-se o argumento de Jacobs (2003) de que uma rua muito movimentada é uma rua segura. Se a praça tem movimento, a calçada e a rua também o têm.

Sob o olhar da Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1961), foi utilizada como técnica de análise dos dados a Teoria do Núcleo Central de ABRIC (1998) que segue:

Figura 48 - Fluxograma de Progressão Cíclica - Teoria do Núcleo Central.



Fonte: Elaborada pela autora.

Organizaram-se os dados segundo os aportes da teoria das Representações Sociais de Jean-Claude Abric (1998), o qual propõe a Teoria do Núcleo Central e afirma que a questão conceitual está focada na dimensão cognitivo-estrutural.

Esta Teoria foi dividida em dois pontos; o primeiro é o Núcleo Central, onde fica a memória coletiva (significação) estável e resistente a mudanças. Neste ponto apresenta-se como primeiro quadrante, canto superior esquerdo do fluxograma (Matriz de Ciclo), a Praça como o objeto de pesquisa. No terceiro quadrante, parte inferior esquerda, foi colocada a Igreja, porque é uma parte da praça muito citada pelos entrevistados e ficou como parte do elemento de contraste por conta desse valor simbólico. No canto superior direito, como segundo quadrante, e canto inferior direito, como quarto quadrante, situam-se os elementos do sistema periférico. Foram divididos em dois grupos: no primeiro elemento encontram-se os itens Recreação, Banheiro Público, Lembranças, Posto Policial e Figura Automeada, por serem atrativos

concretos para os usuários. E no segundo elemento seriam a Segurança, a Manutenção e o Replanejamento como algo abstrato para os usuários, destinado ao poder público.

Ao analisar cada elemento do segundo quadrante, iniciando pela recreação, entende-se que os entrevistados percebem que a academia de ginástica, o parquinho, a mesa de jogos onde são feitos também piqueniques promovem entre todos uma boa conversa e boa convivência com sentimentos de alegria e amizade. O banheiro tem que ser acessível e de uso diário para todos os usuários. As lembranças são da infância e da adolescência por parte dos entrevistados (os moradores do entorno mais antigos). Sobre o posto policial, é por conta do sentimento de medo – como a abordagem de estranhos, vândalos e usuários de droga. A figura automeçada, palavra conceitual baseada em Gonçalves (2009), representa a banca de revistas, o quiosque de sorvete, o ponto de táxi.

Em relação aos elementos do quarto quadrante, a segurança é fortemente citada pelos entrevistados, os quais reforçam que a presença de um posto policial fixo é urgente para inibir os vândalos e usuários de droga. É uma forma de proteção.

Sobre a Manutenção, esta é necessária por parte da administração pública, que deve conservar a iluminação adequada, o banheiro limpo e de acesso, repor e cortar a grama, zelar pela praça, principalmente restaurar os bancos, podendo ainda buscar parceria com o comércio local para inclusão de mais bancos e incentivar o zelo por eles constantemente.

O Replanejamento é urgente e necessário para a melhoria da praça, assim como ativar o chafariz e promover campanhas publicitárias de conscientização da população quanto ao verdadeiro sentido simbólico e de embelezamento do chafariz na praça. Reordenar o estacionamento. A área aberta e disponível à noite para os usuários de droga também é fator essencial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu identificar o processo de apropriação do espaço da Praça Luiz Pedro Medeiros como espaço público, por meio das falas que representam a memória coletiva ligada a laços culturais e políticos ancorados na subjetividade de cada um de seus usuários. Este processo se deu por meio dos vários usos que os usuários fazem da praça, bem como pelas representações sociais que fazem deste espaço.

Os relatos vivenciados pelos sujeitos locados no objeto de estudo aqui entrevistados estiveram relacionados à Praça Luiz Pedro Medeiros, no Bairro Oficinas, a qual se conecta com a Igreja Matriz São José Operário, pertencente ao município de Tubarão-SC. Esta praça foi escolhida por possuir muitos atrativos, ser bem frequentada, ser popular e referência histórica ligada à Estrada de Ferro Dona Thereza Christina.

A praça é um espaço público de interesse público e por isso nos remete ao estudo relacionando às vivências dos sujeitos. Como nada se tinha de registro sobre a biografia do senhor que emprestou seu nome à praça, foi necessário o relato oral dos sujeitos, sendo de grande valor o relato de cada entrevistador.

Referido espaço está fortemente ligado à Igreja de Oficinas e ambos ligados ao Bairro Oficinas e à Estrada de Ferro Dona Thereza Christina. Foi em virtude da transferência das oficinas do trem de Imbituba para Tubarão que surgiu o Bairro de Oficinas, e, posteriormente, a necessidade de se fundar uma Igreja e, com o passar do tempo, construir a Praça ao redor desta, baseando-se a pesquisadora, desse modo, na ideia de Zucker (1959 *apud* ROBB, 2003), que classifica, neste caso, adro de igrejas, ou seja, espaços em frente à igreja.

A análise dos dados demonstrou a compreensão de como os usuários se apropriam da praça. Há pessoas que conviveram com a Igreja mesmo antes de a Praça surgir. A Praça foi surgindo e foi se modificando, possuindo atualmente vários atrativos, como o parquinho, a quadra de esportes, o espaço para jogos, a banca de revistas, o quiosque de sorvete e a academia de ginástica. Há, ainda, um grande espaço de lazer, com bancos para sentar e árvores, além de um belo chafariz, o qual está desativado devido ao mau uso por parte da população. Os sujeitos usuários da praça relataram que a Praça é de convivência familiar e que oferece atrativos para todas as idades, porém, no período noturno, há delinquentes e vandalismo devido à falta de segurança. Muitos sujeitos descreveram em suas falas que há falta de comprometimento por parte da prefeitura. Que deve ser investido um

posto fixo de policiamento militar ou guarda municipal para intimidar os sujeitos delinquentes.

A praça é rodeada pelo comércio, sendo que apenas em um lado da rua há grande presença de residências familiares. Há somente a farmácia dos ferroviários e um ambulatório odontológico que funcionam durante o dia. Como diz Gonçalves (2009, p. 223), “os olhos cuidadores da praça se fecham à noite”. Portanto, o pedido da população em relação à segurança se afirma para o bom convívio das famílias também no período noturno.

Quando se analisou o Plano Diretor da cidade de Tubarão e os dados da pesquisa, concordou-se com o que diz Villaça (1993 *apud* TOMAZETTE, 2001, p. 150) sobre as questões de planejamento urbano: “o abismo que no Brasil separa o discurso sobre o plano diretor de sua prática é tão intenso” que, conforme os relatos de alguns entrevistados houve vários, vários prefeitos, e a praça continua necessitando de reparos; que os objetivos descritos no plano diretor devem ser cumpridos pela gestão municipal. Verificou-se que a última reforma registrada no *site* da Prefeitura foi em 2009. Todos os relatos e conclusões aqui não são da pesquisadora, e sim embasado fielmente na captação das informações dos entrevistados, sob o qual era um coletivo bem diversificado.

Além da reforma e manutenção diária por parte da Prefeitura de Tubarão à Praça Luiz Pedro Medeiros, foram observadas outras necessidades de melhoria para que o acesso e uso sejam realmente destinados a todos e também no período noturno.

Alex (2008, p. 19) presume “que o convívio social no espaço público está intimamente relacionado às oportunidades de acesso e uso”. Há de se planejar um intenso uso noturno, observando-se as condições de iluminação, de conforto e de acessibilidade, promovendo shows, missas campais e inserindo um coreto e um posto policial. É necessário rever o estacionamento lateral à Rua Pedro Gomes de Carvalho, sob o qual os entrevistados almejam que o espaço seja livre de veículos. Pois, permitirá inserir atrativos e manter o fluxo de pessoas de bem, sendo que a área da praça fica ociosa e vazia no período noturno, atraindo vândalos e usuários de droga devido ao comércio fechado e ao fato de a população que frequenta o ambiente desaparecer, pois há poucos moradores no entorno.

A praça trata-se de um espaço do pedestre por excelência, devido às calçadas que cobrem grande parte de sua área. Este espaço de importância histórica deve ser valorizado por meio de elemento urbano,

pois o pedestre necessita de equipamentos variados, para um melhor aproveitamento do espaço e para sua orientação. Necessitam de melhorias quanto a alguns elementos, como lixeiras, bancos sombreados, boa iluminação, banheiro limpo, grama cuidada e bebedouros que garantam maior conforto e segurança durante o passeio.

Em relação ao chafariz, é necessário ativá-lo devido à sua beleza e a sensação de harmonia e equilíbrio que o som da água transmite, bem como ao estímulo à percepção visual, proporcionando grande conforto e tranquilidade. O chafariz foi desativado por mau uso por parte da população. Sugere-se que a Prefeitura, em parceria com a Igreja, com o comércio local e rádios, faça uma Campanha de conscientização sobre a importância visual que este elemento oferece, além de cercá-lo para impedir que as pessoas se aproximem do mesmo.

Quanto ao busto de Luiz Pedro Medeiros, foi diagnosticado nas entrevistas que o povo desconhece a importância cultural e histórica que representa este símbolo que dá nome à praça. É possível adotar uma linguagem criando uma identidade visual para certificar-se de que as pessoas reconheçam o valor simbólico do busto exposto na Praça, inclusive também de Campanhas, como foi sugerido no caso do chafariz.

Reforça-se que as representações sociais, conforme ABRIC (2001), é um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes ao objeto dado. Essa é a grande contribuição da pesquisa para os gestores públicos, compreender a fala dos usuários e respeitar a sua memória e suas solicitações. Ouvir as suas propostas. Valorar os seus sentimentos de pertencimento ao lugar.

Jodelet, citada por Lane (1995 *apud* PATRIOTA, 2008), diz que “as representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais, ou seja, devem ser considerados os aspectos cognitivos, assim como os sociais”.

Conclui-se que a sociedade é composta por indivíduos pensantes e, segundo Spink (1996 *apud* PATRIOTA, 2008) demonstra que as pessoas que constroem o mundo não são caixas pretas, meros receptores passivos, mas pensadores ativos que produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que lhes são postas.

REFERÊNCIAS

A IMPRENSA. **Lançamento da pedra fundamental da Igreja de Oficinas.** Tubarão, Ano XXX. 19 de dezembro de 1948.

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de. **Estudos interdisciplinares de representação social.** Goiânia: Ed. AB, 1998.

ABRIC, Jean-Claude. Filosofía y Cultura Contemporánea. In: _____. (Org.). **Prácticas sociales y representaciones.** México: Ediciones Covoacán, 2001. Disponível em: </Users/Usuario/Downloads/ABRIC,%20JeanClaude%20(org).%20Pr%C3%A1cticas%20Sociales%20y%20Representaciones.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2015.

ALEX, Sun. **Projeto da praça:** convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: SENAC, 2008.

ANDRADE, Rafael. **Jornalismo de fato.** Disponível em <<http://rafamidia.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 03 maio 2014.

ANICETO, R. A.; MACHADO, L. B. Núcleo central e periferia das relações sociais. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.,** Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 345-364, abr./jun. 2010.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. A ideologia do “lugar público” na arquitetura contemporânea (um roteiro). In: ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. **O lugar da arquitetura depois dos modernos.** São Paulo: EDUSP/NOBEL/FAPESP, 1993.

ARENDT, Hannah. **A condição humana.** 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1999. 352 p.

ASSOCIAÇÃO SUL CATARINENSE DE ENGENHEIROS E ARQUITETOS. **Convite da missa de comemoração aos 50 anos.** Disponível em: <<http://ascea.com.br/convite-missa-em-comemoracao-aos-50-anos-da-paroquia-sao-jose-operario>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

BAUDRILLARD, J. **El sistema de los objetos**. México: Siglo XXI, 1969.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL HTTP. **Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro - 1891 a 1940**. Disponível em: <[//memoria.bn.br/DocReader/Hotpage](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage)>. Acesso em: 10 set. 2014.

BITTENCOURT, Arary Cardozo. **O menino de Oficinas**. Tubarão: Copiart, 2008, p.188. (Citação 79).

BITTENCOURT, Arary Cardozo. Paróquia de São José: da capela à matriz. **Diário do Sul**. Tubarão, 27 ago. 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges. **Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

COLCHETE FILHO, Antônio. **Praça XV: projetos do espaço público**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. Disponível em: <<https://books.google.com.br/>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

CONTATONET. **Jardim público será reinaugurado em abril**. Disponível em: <<http://noticias.contato.net/index.php?acao>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos; DE ANGELIS NETO, Generoso. Os elementos de desenho das praças de Maringá-PR. **Acta Scientiarum**. v. 22, n. 5, p. 1445-1454, 2000. ISSN 1415-6814.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FRANCISCO, T. M. S. et al. A Praça, a Poética e os Processos de Identidade: desvelando aspectos da identidade urbana. **Ra'e Ga**, Curitiba, v. 31, p. 91-116, ago. 2014.

FREITAS, José Júnior. **Conheça Tubarão**: Documentário Histórico e outros fatos. Tubarão: Arquivo da Biblioteca Pública Municipal Olavo Bilac, 1972.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GONÇALVES, Teresinha Maria. A Cidade como Palco de Urbanidade. In: _____; SANTOS, Robson dos. **Cidade e Meio Ambiente**: Estudos Interdisciplinares. Criciúma: Ed. da UNESCO, 2010, p. 17-32.

GONÇALVES, Teresinha Maria. **Cidade e Poética**. Ijuí, RS: Unijuí, 2007. 204 p.

GONÇALVES, Teresinha Maria. **Significados Urbanos**. Texto digitado. Produzido como material didático para o Curso de Arquitetura e Urbanismo. Criciúma, 2004. (Texto não publicado).

GONÇALVES, Teresinha Maria; DESTRO, Diego; ROCHA, Maick de Souza. Ambiente urbano: as calçadas como espaços públicos na cidade de Criciúma, Santa Catarina, capital do carvão. In: MILIOLI, Geraldo; SANTOS, Robson dos; CITTADIN-ZANETTE, Vanilde. (Coords.). **Mineração de carvão, meio ambiente e desenvolvimento sustentável no sul de Santa Catarina**: uma abordagem interdisciplinar. Curitiba: Juruá, 2009. 316 p.

GONÇALVES, Teresinha Maria. **Ensaio sobre Pesquisa Qualitativa**. Criciúma: Ed. Da UNESCO, 2006.

GRÁFICA SUL GRAFF. **Dados Históricos de Tubarão**. Disponível em: <<http://www.sulgraff.com.br/cidade-de-tubarao>>. Acesso em: 10 set. 2014.

IAFIGLIOLA, Leandro Giamas. Ensino de desenho industrial na formação do arquiteto. In: SILVA, José Carlos Plácido da; SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **Estudos em Design nas Universidades Estaduais da UNESP e USP**. São Paulo: UNESP, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.
Municípios Catarinenses, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.
Censo 2010: Município de Tubarão.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JORNAL ENTRE CONTORNOS. Disponível em:

<<http://www.jornalentrecontornos.com.br/urbana/espaco-publico-a-praca/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

JORNAL ESTADO DE SANTA CATHARINA. 19. Seção. 1905, p. 1866-1867. In: BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL HTTP. **Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro – 1891 a 1940**. Edição A00063, p. 1670. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

LADWIG, Nilzo Ivo; SCHWALM, Hugo (Org.). Do conceito de espaço ao conceito de território. A gestão socioambiental das cidades no século XXI: Teorias, conflitos e desafios. In: GONÇALVES, T. M. **Do conceito de espaço ao conceito de território**. Florianópolis: Insular, 2013.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MACEDO, Sílvio Soares. **Ensaio**: paisagem e ambiente. São Paulo: FAUUSP, 1995.

MACEDO, Sílvio Soares. **Paisagismo contemporâneo no Brasil**. São Paulo: FAUUSP, 2003. (Coleção Quapá).

MACEDO, Sílvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: FAUUSP, 1999. 143 p. (Coleção Quapá).

MACEDO, Sílvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques urbanos no Brasil**: Brazilian urban parks. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

MACHADO, Aquilino; ANDRÉ, Isabel. Espaço público e criatividade urbana. **Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia**, ano XLVII, v. 94, p. 119-136, 2012. Disponível em: <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2012-94/94_06.pdf> Acesso em: 16 set. 2013.

MACHADO, Laêda Bezerra; ANICETO, Rosimere de Almeida. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 345-364, abr./jun. 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **A antropologia urbana e os desafios da metrópole**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v15n1/v15n1a05>>. Acesso em 21 jan. 2015.

MEDEIROS, Rodrigo Althoff. **Cidades em crescimento: a influência da Ferrovia Teresa Cristina nas cidades do sul - estudo de caso no município de Tubarão**. Tubarão: Copiart, 2007.

MORAIS, Marcele Trigueiro de Araújo. Cidades, culturas contemporâneas e urbanidades. A pacificação da cidade. O caso dos espaços públicos do grand ensemble Les Minguettes, em Lyon (França). In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA, 1., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPARQ. Disponível em <<http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/209/209-316-1-SP.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

NASCIMENTO, Dorval do. **As curvas do trem: a presença da estrada de ferro no sul de Santa Catarina (1880-1975) cidade, modernidade e vida urbana**. Criciúma: Ed. UNESCO, 2004.

NETTO, Vinícius M. A urbanidade como devir do urbano. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA, 1., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPARQ. Disponível em: <<http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/163/163-829-1-SP.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

PATRIOTA, Lúcia Maria. **Teoria das Representações Sociais: Contribuições para a apreensão da realidade**. 2008. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c-v10n1_lucia.htm>. Acesso em: 13 jan. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TUBARÃO. Disponível em: <<http://www.tubarao.sc.gov.br/>>. Acesso em: 04 jan. 2015.

PROGRAMA ADOTE UMA PRAÇA. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p_secao=161>. Acesso em: 13 out. 2013. Disponível em: <http://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303546-d555100-Reviews-Farroupilha_Park_Redencao>. Acesso em: 13 out. 2013.

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. **Praças brasileiras**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Coleção Quapá).

SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. Territórios: ensaio sobre o ordenamento territorial. In: MOREIRA, Ruy. **O espaço e o contra espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SCHLATA, Rosângela. **A história da Igreja Matriz São José Operário do Bairro de Oficinas - município de Tubarão**: Patrimônio Material e Imaterial da Comunidade de Oficinas. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de História) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2006.

SHELDRAKE, R. Psychological perspectives. In: FAYBEL CONSULTORIA EMPRESARIAL. **Mente, memória e arquétipo: ressonância mórfica e o inconsciente coletivo**. Tradução de Sulivan Hübner. 1997, p. 215-225. Disponível em: <www.faybel.com.br/art-1.doc>. Acesso em: 28 mar. 2015.

SIDEWALKINGSP. Disponível em: <<http://sidewalkingsp.tumblr.com>>. Acesso em: 05 abr. 2013.

SOARES, E.; LARGOS, N. **Coretos e Praças de Belém-PA**. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2009.

TEIXEIRA, José Warmuth. **Ferrovia Teresa Cristina**: uma viagem ao desenvolvimento. Tubarão: Ed. do Autor; Porto Alegre: ARTMED, 2004.

TOMAZETTE, Marcela Salci. **Caracterização das praças de São José dos Campos-SP**: uma pesquisa quali-quantitativa. 2011. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade do Vale do Paraíba - Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, São José dos Campos, SP, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VASQUEZ, Sanches Adolfo. **Ética, tradução de João Dell'Anna**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VETTORETTI, Amadio. **A estação da Piedade**. Tubarão: Copiart, 2004.

VETTORETTI, Amadio. **Palacete Cabral**: a casa da cidade – Centenário Amadio Vettoretti. Tubarão: Copiart, 1997.

YÁZIGI, Eduardo. **O Mundo das Calçadas**. São Paulo: IMESP, 2000.

ZUMBLICK, Walter. **Teresa Cristina**: a ferrovia do carvão. Florianópolis: UFSC/RFFSA, 1987.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA DE CAMPO

Questionário I:

1. Qual é a parte da praça que você mais gosta? Tire a foto.
2. O que você acha da praça?
3. O que você imagina, sonha na praça?

Questionário II:

1. Me diga sem pensar cinco palavras em relação à praça.
2. A partir daí a conversa será gravada para facilitar o estudo.

Questionário III:

1. Para você, a Praça é um ambiente:
 - a. agradável
 - b. muito agradável
 - c. pouco agradável
2. Você acha que a praça ao longo de cinco anos:
 - a. melhorou muito
 - b. melhorou pouco
 - c. não melhorou nada
3. Quais são os usuários mais presentes na praça durante a semana:
 - a. famílias
 - b. trabalhadores
 - c. adolescentes
 - d. crianças
 - e. idosos
 - f. outros, quais: _____
4. Quais são os usuários mais presentes na praça no final de semana:
 - a. famílias
 - b. trabalhadores
 - c. adolescentes
 - d. crianças
 - e. idosos

f. () outros, quais: _____

5. O que você percebe que as pessoas utilizam da praça:

- a. () bancos
- b. () academia de ginástica
- c. () parquinho e quadra esportiva
- d. () os banheiros

6. A praça possui alguns atrativos, você consegue descrever:

- a. () sim
- b. () não

Quais: _____

7. “Praças são espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livre de veículos”. Você concorda com esta frase para a praça de estudo em todos os aspectos:

- a. () sim
- b. () não
- c. Se for não a sua resposta, risque quais partes da frase você discorda.

8. Se a sua resposta da pergunta anterior foi não, assinale os motivos da discordância:

- a. () falta educação por parte dos usuários
- b. () falta interesse político
- c. () falta interesse religioso
- d. () falta planejamento urbano

9. Ao poder público compete pequenas intervenções e recuperações de estruturas já existentes. O que falta melhorias:

- a. () iluminação
- b. () inclusão de brinquedos
- c. () assentos (bancos)
- d. () jardins e arborização
- e. () segurança
- f. () outros: _____

10. Você observa jovens, crianças e adolescentes usufruindo da praça:

- a. () sim, um grande número de adolescentes e crianças
- b. () sim, um grande número de adolescentes

- c. () sim, mas, muito pouco adolescentes
- d. () não

11. Se a resposta for não, quais seriam os motivos:

- a. () o computador e a internet
- b. () o celular e a internet
- c. () assentos (bancos)
- d. () jardins e arborização
- e. () segurança
- f. () os brinquedos e a quadra poliesportiva

12. Se for sim, ainda em relação à pergunta número sete, os jovens aparecem em quais horários:

- a. () 8 h às 10 h
- b. () 10h às 12 h
- c. () 13 h às 15 h
- d. () 15 às 17 h
- e. () 17 às 19 h
- f. () outro horário, qual: _____

13. Qual é o meio de transporte mais utilizado pelos usuários para chegar à praça:

- a. () carro
- b. () a pé
- c. () bicicleta
- d. () *skate*
- e. () ônibus

APÊNDICA B – ENTREVISTA GRAVADA

• ENTREVISTADO A

ÁRVORE

Na praça tem que ter árvore pra fazer sombra pra o pessoal vim passear e vim visitar, neh

GRAMA

As crianças brincam muito na grama.

BANHEIRO

Todos que passam por aqui, quase todos usam o banheiro, neh.

ABRIGO

Pessoal de idade vem jogar dominó todos os dias. Dia de chuva quando chove pouco neh, mas sempre. Sábado, domingo. Quem joga dominó e sempre os mesmos, sempre as mesmas pessoas. Uma vez ou outra aparece alguém, assim, estranho, neh . Pode estar passando por aqui. Mas aqui vem gente de Florianópolis, vem de São Joaquim , vem gente visitar e jogar dominó aqui. Nós jogamos todos os dias, de segunda a segunda. Domingo vem o prefeito , todo domingo ele vem jogar, com nós ai, é. A velharada se diverte.

BANCO

Vem professora com as crianças, sentam no banco , fazem lanche, fazer passeio aqui, piquenique.

TÁXI

Tem o ponto de táxi, o pessoal vem pegar o táxi aqui também. O pessoal do táxi limpa o piso, lava, compra detergente (se refere ao espaço do abrigo que há as mesas do dominó)

O senhor conhece a praça, as modificações, lembra como é que foi feito ? O que tinha antes aqui? A praça sempre foi assim?

R: Faz tempo que é assim, de tempo em tempo tem algum cara, alguma obra, tipo o chafariz, tipo os banheiro que foi feito, quadra de esportes, o próprio abrigo aqui neh que foi feito com essas mesa aqui, mesa boa, de mármore. O pessoal do táxi também, todo dia aí.

O senhor acha que por estar aqui o tempo todo ,por isso está bem conservado, as mesas de mármore, ou já tinha quebrado?

R: O pessoal estraga a noite, o pessoal da noite sujam. O pessoal do táxi cuida. Mas o táxi não fica a noite. O pessoal do táxi lava o piso, limpa o piso, a, compra detergente (se refere ao espaço do abrigo que há as mesas do dominó). Os cara do dominó, trazem uma fruta, o pessoal se confraterniza.

• ENTREVISTADO B

Em primeiro lugar falta de policiamento na praça, uma por motivo de que tem certas horas parece que a gurizada que gosta de fumar pedra, maconha, cheirar cocaína, eles sabem a hora que estes policiais fazem a rondazinha. Eu também sei o horário das rondas. Os policiais deveriam se separar, se reúnem em 5, 6 num bolinho conversando e nas costas tá os caras fumando. É melhor fazer rodízio de horário.

Se tiver os policiais presentes eles vão respeitar. A presença das pessoas não os inibe.

- Opa ! Não tem chance de fumar, passou um agora, daqui a pouco passa outro.

As crianças se inibem vendo o cheiro de maconha.

A viatura vem no horário errado.

MANUTENÇÃO

Existe um banheiro, se é público, tem que ser pro povo. Ou eles mantém limpo ou privatiza.

Chafariz, esqueceram deste monumento.

Pedimos um palco, concha acústica para acontecer showzinho.

Ajuda a inibir os delinquentes.

Falta um guarda municipal.

BANCOS

Trocar os bancos. Arrumar parceria com o comércio. Pintar com a cor azul , símbolo de Tubarão. E colocar na sombra.

Plantar árvores, mas manter podadas.

RECREAÇÃO

Está mal, o balancinho está velho. Areia exposta a cachorros e gatos.

Antes a quadra era futebol, passou para pista de skate. Foram jogar em cima da grama. Construam uma pista de skate.

ACADEMIA DE GINÁSTICA

A pessoa fica ali inalando gasolina, diesel, etanol, partículas de poluição.

E ainda constrangedor, principalmente para as mulheres, muito próximo da rua principal.

ILUMINAÇÃO E URBANIZAÇÃO

A maioria das luminárias não está funcionando. É muito escuro à noite.

O estacionamento está no local errado.

REPLANEJAMENTO DA PRAÇA

João-Bolão árvore que mancha a roupa, observar quais árvores devem ser plantadas.

CONVERSA INFORMAL

Com 11 anos de idade, brincávamos de luta romana, não precisava ter placa: NÃO PISE NA

GRAMA

As crianças respeitavam.

Nós gurizadas até os 17 anos, fazíamos uma fila na porta da Igreja para esperar as moças saírem da missa acompanhada pelas mães, era uma paquera.

Possuíam umas “piscinas” e criavam cágados, peixes e aguapés, estes serviam para filtrar a água. O povo cuidava e respeitava os animais.

Havia uma rua e um milharal, tinha jacaré, com lama lá atrás, onde é o ginásio, uns 400 metros daqui.

O rio tinha um braço próximo (antes da enchente de 74) famosa Rosa do Circular, iniciava próximo da ponte do Morrotes até próximo do ginásio.

E quanto as árvores, tiraram as nativas e colocaram outros tipo.

• ENTREVISTADO C

DIVERTIMENTO

Se distrair, passar o tempo, sair da rotina, vir pra cá rever os amigos. Jogar conversa fora. Formamos uma roda de amigos (estavam sentado no chafariz seco) para conversarmos.

Mesmo hoje com celular? Pergunto :

É uma forma da gente tirar um pouco, tirar a internet. Tirar um pouco da tecnologia do nosso tempo. É brincar, pular, jogar bola, coisas que da nossa idade não é mais comum.

O que usamos da praça? Bola. Slikiline. Basquete.

Conhecemos gente nova.

É um lugar legal. Pois, Tubarão não tem muitas dessas coisas, é uma praça bem acessível.

O QUE PODE MELHORAR

Segurança. Iluminação. Cuidar, manutenção.

Os usuários de droga veem a praça desvinculada da igreja.

PIQUINIQUE

Fazemos bastante

• ENTREVISTADO D

FALTA PLANEJAMENTO

Espaço e lazer e esporte
Com mais qualidade, mais amplo, com espaço maior. Ficar de
boa, a família com as crianças.

QUADRA

É de tudo, skate.
Pinchar
Coisa de jovem. Pode ser expressão ou vandalismo. Poderia ter
um projeto para orientar esses caras.

BANHEIRO

Liberar , estão trancados. Poderiam terceirizar o serviço.

ACADEMIA

Os jovens acham que os aparelhos estão defasados. Poderiam ter
mais opções, variedades.

SEGURANÇA

Em geral da praça. Patrimônio público, pessoas.
Guarda terceirizado ou municipal

MANUTENÇÃO

Em geral. Higienização e limpeza.
Alguma necessidade? Pergunto:
Quiosque de comida tipo SMARSHOP.

• ENTREVISTADO E

Há 50 anos atrás quando chegamos aqui em 74, essa Praça era
bastante rústica, não existia praça, aqui na frente passava uma espécie de
um valo. Tinha algumas árvores e aqui na frente tinha um campinho de
futebol, aonde a molecada batia uma bolinha e eu, fazia parte desta
molecada que batia uma bolinha aqui na frente. Depois neh, nada aqui

era calçada, tinha uma estrada de chão, tinha campinhos, grama, algumas árvores, então era mais frequentado na época pela molecada.

Com a evolução do tempo as coisas vão se modernizando, vão se adaptando a realidade. Os prefeitos na época foram dando um certo atendimento aqui na praça.

Ela ganhou vários melhoramentos, foi evoluindo, evoluindo. E até que chegou, graças a prefeitura, graças a Prefeitos chegou onde está hoje: uma praça moderna, agradável, gostosa de se frequentar. Hoje ela é dotada de um parque infantil, uma quadra de esportes, um chafariz que hoje está desativado. Temos um banheiro público, foi construído na época do Sorato. Não! Bertocini, Manoel Bertocini, falecido. Foi feito esse chafariz, foi feito inauguração, foi feito melhoramentos, foi feito calçamento, instalaram bancos, plantaram árvores. A iluminação. Afinal deram uma geral, um banho que hoje ela pode ser chamada de uma praça. É uma praça familiar, onde todo pessoal aqui frequenta, principalmente as tardes de domingos e feriados, e a noite essa praça é bastante frequentada, principalmente por causa do parque infantil.

Os vovos trazem os netinhos, papais e mães trazem os filhos. Então aqui essa praça virou uma festa praticamente nos finais de semana.

E é muito agradável, confortante esse visual que eu tenho aqui é muito legal. As vezes eu comento com meus filhos, minha esposa.

- Oh meu Deus! Até quando vou ver este visual? Eu digo com 74 anos espero ver esse visual por mais tempo.

Morar em frente a esta praça em frente a Igreja Matriz.

Houve um projeto de mudança do nome da praça pelo vereador Valter Medeiros onde homenageou seu pai Luiz Pedro Medeiros. Ele foi um comerciante. O nome não pegou pela população ela é mais conhecida como praça Matriz de Oficinas.

Aspectos negativos

Na época do prefeito Bertocini, havia guardas 24 h.

Não há mais. Há presença da polícia militar, mas não é suficiente. Retorno da segurança 24h é a principal reivindicação.

CHAFARIZ

Não basta construir tem que há ver manutenção. Pois, virou piscina para a molecada.

Um certo dia o morador estava passando ali e viu um menino tomando banho no chafariz.

Este chamou atenção, informando que a água era imprópria para o banho. E ainda perguntou ao menino:

- Seu pai e sua mãe sabem que você está aí?

O garoto respondeu:

- sim. Ela está sentadinha no degrau da Igreja. Fala com minha mãe.

• ENTREVISTADO FILHO DO PATRONO DA PRAÇA

Eu vim pra Tubarão com 6 anos de idade.

Moro sempre aqui. Há 60 anos.

Na época, quase que exclusivamente morador/funcionário da estrada de ferro.

O meu pai era empreiteiro da estrada de ferro. Dono das pedreiras do atual prefeito Olavo Falchetti. Era pioneiro da pedreira, tocando a pedreira que pertencia a estrada de ferro. Era as pedras usadas no meio do dormente.

Antes da enchente, depósito de pedra o vagão encostava no barco e enchia ali mesmo.

Na época existia pouca máquina. Eu me lembro que o caminhão, a caçamba era na manivela, levantada com cabo de aço para despejar.

Ele começou na Siderúrgica lá em Capivari, que na época pertencia a Tubarão, toda região aqui.

Ele foi solteiro, trabalho na ponte de Cabeçudas. Não a de ferro, a estrada que acompanha a BR 101 nos anos 60.

Na época usava-se mais o trem para ir para a cabeçuda. Ele trabalhou no ramo da pedra. E ali

Conheceu a minha mãe da Laranjeiras e o pai dela era o feitor da ponte.

Depois de casado, foi trabalhar no Mole da Barra da Laguna com pedra.. levava o carrinho com pedra até lá, tinha uma trilha . usavam dinamite para estourar as rochas.

Então de lá, ele veio parar em 49, quando Getúlio Vargas fez a Siderúrgica Nacional. Tinha aqui em Tubarão um cidadão muito culto. Que hoje ele é homenageado pelo time de futebol e o estádio Anibal Costa, Doutor Anibal Costa que era o engenheiro.

O pai veio do Moles para trabalhar na Siderúrgica, no ramo da pedreira, cujo engenheiro-chefe era Doutor Anibal Costa.

E na época puxavam à cavalo com carretão, cavalos bonitos. Trabalhou de 49 até 50 e poucos.

Em nasci em 45. Neste meio tempo o Doutor Anibal Costa veio para a estrada de ferro como diretor.

Como meu pai era na época um rapaz novo +- 30 anos. Era considerado um rapaz trabalhador, competente. Ele sozinho determinava, administrativa quase toda pedreira. O Doutor Anibal Costa gostava muito do meu pai, do serviço dele. Por conta disso trouxe ele pra cá. Não como empregado, mas como empreiteiro para fornecer só para a estrada de ferro, mas só os dormentes.

Começaram no São João, trilho e depósito. A de cima era dele, que em 1956, vendeu para o Sr. Falchetti, pai do atual prefeito .

Meu pai estava com úlcera no estômago e achava que não ia durar muito e que já tinha dinheiro o bastante. No tempo, o dinheiro era réis, quem tinha um milhão era considerado milionário.

Após a venda da pedreira ele tinha uma fazenda em Capivari. Plantava arroz e fumo. Vendeu para Eletrosul. Indenizaram após a enchente. Mas não foi pago 100%

Em 64, 50 anos atrás iniciou o comércio, onde hoje é Casa de Tintas, a loja de material de construção e a casa ao lado. O terreno tinha 60 m de frente.

Ajudou na Igreja, era bem atuante.

Teve 15 filhos.

A mãe tinha uma empregada doméstica, negra, para ajudar na casa.

O meu pai era empreendedor e o que fazia tinha sucesso. Foi o primeiro morador do bairro ao redor da Igreja.

Antigamente a praça era chamada de Jardim Marcolino Martins Cabral.

O vereador Aldo topou o projeto de trocar o nome da praça. É a praça maior de Tubarão.

Meu pai não era mais vivo, morreu com 72 anos de idade. Morreu de trombose, entevado, circulação sanguínea e o meu avô também morreu do mesmo caso.

Luiz Pedro Medeiros

Nasceu : 12/12/2017

Faleceu : /08/1991

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando um projeto de pesquisa: A PRAÇA COMO ESPAÇO PÚBLICO: UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE TUBARÃO – SC, que servirá de base para a dissertação de mestrado em Ciências Ambientais de Cleunice Gelesky Mesquita, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da UNESC.

O(A) Sr.(a) foi plenamente esclarecido de que participando deste projeto estará participando de um estudo de cunho acadêmico que tem como um dos objetivos compreender, a partir da Psicologia Ambiental, a praça como espaço público e o processo de apropriação da praça pelos seus usuários.

Embora o(a) Sr.(a) venha aceitar a participar desta pesquisa, estará garantido de que poderá desistir a qualquer momento bastando, para isso, informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, o(a) Sr.(a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes ao Sr.(a) serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sendo que o(a) Sr.(a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto. O(A) Sr.(a) autorizará, após a publicação dos dados obtidos, a gravação da voz na oportunidade da entrevista, bem como a publicação de seu conteúdo em livros e artigos científicos, assim como o uso de imagens decorrentes deste estudo.

A coleta de dados será realizada pela mestrande Cleunice Gelesky Mesquita (fone (48) 96293971), orientada pela professora Dr.^a Teresinha Maria Gonçalves (3431-2588). O telefone do Comitê de Ética é 3431-2723.

Criciúma (SC), ___ de _____ de 2014.

Assinatura do participante

ANEXO

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE DO EXTREMO
SUL CATARINENSE - UNESC

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: A praça como espaço público: um estudo de caso na cidade de Tubarão - SC

Pesquisador: TERESINHA MARIA GONÇALVES

Área Temática:

Versão: 1

CÁAE: 31230514.1.0000.0119

Instituição Proponente: Universidade do Extremo Sul Catarinense

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 668.778

Data da Relatoria: 29/05/2014

Apresentação do Projeto:

Com o crescimento das cidades brasileiras que ocorreu ao longo dos tempos, surge a necessidade de espaços públicos que possibilitam interações, encontros e trocas de experiências, exercício a cidadania, manifestações políticas, culturais, históricas e religiosas. Espaços estes formados por ruas e avenidas, calçadas, parques, jardins e praças. Espaços físicos construídos por pessoas para as pessoas da cidade, ambos, ligados ao meio urbano e suas questões sociais e históricas. Como o município de Tubarão, que historicamente está intrinsecamente remetido ao desenvolvimento do carvão e a Estrada de Ferro Dona Thereza Cristina, hoje, empresa Ferrovia Thereza Cristina S/A. Em meados de 1906, ocorre a transferência das oficinas da estrada de ferro de Imbituba para Tubarão, favorecendo o desenvolvimento econômico da cidade. Tornada-a uma das mais importantes da região sul. E assim, nasce o Bairro Oficinas, onde situa-se a Igreja de São José Operário. A Igreja surgiu da dificuldade de deslocamento até o centro da cidade para o cumprimento das obrigações religiosas de um povo católico, onde o percurso seguia de ruas mal estruturadas e sem calçadas. Logo em 1948 é instalada a Capela, e em 1956 a instalação da paróquia. E finalmente em 13 de outubro de 1963 foi inaugurada a nova igreja de Oficinas onde uma grande área física foi dedicada ao ajardinamento, onde está localizado objeto de estudo, a Praça Luiz Pedro Medeiros, também conhecida como praça da Zófa. A praça sendo um elemento do espaço urbano de interesse público, far-se-à um

Endereço: Avenida Universitária, 1105

Bairro: Universitário

CEP: 88.806-000

UF: SC

Município: CRICIUMA

Telefone: (48)3431-2723

Fax: (48)3431-2750

E-mail: cetica@unesc.net

Continuação do Parecer: 668.778

estudo de caso no município de Tubarão SC- Brasil valorando seus aspectos ambientais, funcionais, estéticos e simbólicos num abordagem qualitativa que se define como pesquisa social e empírica.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Verificar o uso e apropriação da praça Luiz Pedro Medeiros (mais conhecida como a praça da Zófa), localizada na cidade de Tubarão, sul de Santa Catarina.

Objetivo Secundário:

- Identificar os vários usos da praça como espaço público; •Identificar os significados urbanos na praça.
- Verificar se há demandas por praças na Prefeitura Municipal; •Verificar as atividades da praça.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O estudo não oferece risco.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa reveste-se de importância por trabalhar a praça como um espaço público de significados para seus frequentadores e um importante ambiente de integração social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

De acordo.

Recomendações:

Apenas algumas correções na fundamentação, na qual aparece um autor sendo tratado de "pós-doutor", cuja titulação não existe na academia. Sugere-se ainda uma correção atenciosa no texto, bem como atualização no cronograma de execução da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Está OK.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Avenida Universitária, 1105

Bairro: Universitário

UF: SC

Município: CRICIUMA

CEP: 88.806-000

Telefone: (48)3431-2723

Fax: (48)3431-2750

E-mail: cetica@unesc.net

UNIVERSIDADE DO EXTREMO
SUL CATARINENSE - UNESC



Continuação do Parecer: 668.778

CRICIUMA, 30 de Maio de 2014

Assinado por:
RENAN ANTONIO CERETTA
(Coordenador)

Endereço: Avenida Universitária, 1105
Bairro: Universitário CEP: 88.806-000
UF: SC Município: CRICIUMA
Telefone: (48)3431-2723 Fax: (48)3431-2750 E-mail: cetica@unesc.net